

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

LUCAS LAFETÁ LOURENÇO PEREIRA

**A “RALÉ” NA *HIGH*? A INSERÇÃO DE BOLSISTAS NA
FACULDADE DOS “MILIONÁRIOS”**

Belo Horizonte

2019

LUCAS LAFETÁ LOURENÇO PEREIRA

**A “RALÉ” NA *HIGH*? A INSERÇÃO DE BOLSISTAS NA
FACULDADE DOS “MILIONÁRIOS”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de mestre em Sociologia

Orientadora: Profa. Dra. Yumi Garcia dos Santos

Belo Horizonte

2019

301	Pereira, Lucas Lafeté Lourenço.
P436r	A ralé na high [manuscrito] : a inserção de bolsistas na
2019	faculdade dos milionários / Lucas Lafeté Lourenço Pereira. - 2019.
	107 f.
	Orientadora: Yumi Garcia dos Santos.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.Sociologia – Teses.2. Ensino superior - Teses. I. Santos, Yumi Garcia dos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	III. Título.



Programa de Pós Graduação em Sociologia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO

LUCAS LAFETÁ LOURENÇO PEREIRA

Aos 09 (nove) dias do mês de dezembro de 2019 (dois mil e dezenove), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de Mestrado, intitulada: **"A "ralé" na high? a inserção de bolsistas na faculdade dos milionários"**. A banca foi composta pelos professores doutores **Yumi Garcia dos Santos** (Orientadora - DSO/UFMG), **Ana Marcela Ardila Pinto** (DSO/UFMG) e **Fábio Roberto Rodrigues Belo** (UFMG).

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

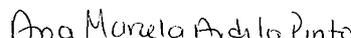
Aprovação ()

Reprovação da Dissertação ()

Para constar foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 09 de dezembro de 2019.


Prof(a). Dr(a). Yumi Garcia dos Santos (Orientadora- DSO/UFMG)


Prof(a). Dr(a). Ana Marcela Ardila Pinto (DSO/UFMG)


Prof(a). Dr(a). Fábio Roberto Rodrigues Belo (UFMG)

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho ao amor em todas as suas manifestações. Para quem torce por mim, me incentiva ou acolhe, minha eterna gratidão e um pedaço do meu coração. Amo vocês.

EPÍGRAFE

Na ordem social patriarcal a educação se constituía em privilégio das elites, o que fazia desnecessária a ação estatal com vistas a fazer expandir o ensino público gratuito. Na ordem social burguesa que se consolidou em 1930, as classes médias em ascensão passaram a reivindicar o direito ao ensino médio gratuito, e as exigências mínimas por qualificação que a indústria necessitava fizeram com que a expansão da educação às camadas populares se tornasse uma “reivindicação” da própria economia, principalmente no que se referia ao ensino primário e técnico. Ao mesmo tempo em que a demanda efetiva por educação crescente pressionava o sistema para que ele abrisse suas portas, ele se fechava em si mesmo, acolhendo apenas uma parte da população e depois selecionando ainda mais essa parte privilegiada, através de seus métodos tradicionais de ensino e avaliação altamente segregadores, visto que seus critérios de avaliação eram baseados em uma educação livresca, acadêmica e aristocrática, medida pela capacidade de reter maior número de informações, vazias de significado para a maior parte da população que não possuía as disposições necessárias para se engajar afetiva e cognitivamente no mundo escolar.

Jessé Souza

Mundo tão desigual,

Tudo é tão desigual,

De um lado esse carnaval,

Do outro a fome total. – Gil e Paralamas

RESUMO

Eventos esportivos universitários como os Jogos Jurídicos Mineiros são palco de intensas rivalidades entre alunos das faculdades que competem. Enquanto os atletas disputam seus jogos em quadra o restante do corpo discente presente ao evento se agrupa como uma espécie de torcida organizada que entoia músicas depreciativas contra a faculdade rival. Tais canções reforçam estigmas convencionados ao estudante de cada universidade, como os “beatos” da faculdade mantida por entidade religiosa e os “pobres” da faculdade pública. O presente trabalho investiga as dinâmicas de socialização entre estudantes bolsistas e alunos que pagam o valor integral da mensalidade de uma faculdade de direito privada em Belo Horizonte/MG. Os alunos da instituição pesquisada carregam alcunhas como “playboys” e “milionários” em razão da quantia gasta para estudar e fazem chacota com estudantes de universidades públicas por associação com supostos sinais de pobreza. Após a adoção do PROUNI as salas de aula dessa faculdade passaram a abrigar estudantes portadores de características zombadas nas músicas. Através de um trabalho de campo que contempla observação participante e entrevistas semiestruturadas, pretende-se analisar o relacionamento entre grupos que compõem o mesmo corpo discente (bolsistas e não bolsistas) apesar do abismo socioeconômico que separa seus integrantes.

Palavras-chave: desigualdade social, distinção, democratização do ensino superior, trabalho de campo, faculdade.

ABSTRACT

Universitary sports events such as “Jogos Jurídicos Mineiros” are the stage of intense rivalry between students of the universities competing. While athletes are playing on the fields the other students attending the event get together to sing depreciative songs against the rival. These songs reinforce stigmas conventionally labeled to the student of each university, like the “saints” from a religious faculty or the “poors” from public college. This research investigates the dynamics of socialization between students with scholarship and those who pay full wage in a law school in Belo Horizonte/MG. Students from this institution are usually called “playboys” or “millionaires” because of how much money they spend to study. Their songs also make fun of public college students because of some alleged poverty. After the adoption of PROUNI the classes in this college started to take students who were usually mocked in the songs. Through some field work contemplating participant observation and semi structured interviews, it is intended to analyze the relationship between groups that go to the same college (with or without scholarship) in despite of the financial difference between its members.

Keywords: social inequality, distinction, fieldwork, college, democratization of higher education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Torcida de uma universidade particular de São Paulo em março de 2016.	10
Figura 2: Gráfico da porcentagem de estudantes declarados brancos, pardos e negros entre os alunos não beneficiários de qualquer bolsa.....	69
Figura 3: Gráfico da porcentagem de estudantes declarados brancos, pardos e negros entre os alunos bolsistas parciais.....	69
Figura 4: Gráfico da porcentagem de estudantes declarados brancos, pardos e negros entre os alunos bolsistas integrais.....	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A “DEMOCRATIZAÇÃO” DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	21
2 REVISÃO DE LITERATURA PERTINENTE.....	27
3 METODOLOGIA.....	46
4 A FACULDADE DO MEU TEMPO	53
5 INSERÇÃO EM CAMPO	60
6 A FACULDADE DO NOSSO TEMPO	68
6.1 Trajetória.....	70
6.1.1 Trajetórias progressas	70
6.1.2 Trajetórias acadêmicas.....	74
6.1.3 Suporte pedagógico.....	79
6.2 Distinção	80
6.2.1 Redes sociais na Faculdade.....	80
6.2.2 Saídas extraclasse.....	81
6.2.3 Características distintivas	82
6.2.4 A distinção entre turnos	85
6.2.5 O “mito” e as músicas	86
6.2.6 Táticas de integração e fachadas	87
6.2.7 Estigmas	89
6.2.8 A opinião de professores e funcionários	90
6.2.9 Considerações sobre gênero.....	92
6.2.10 Considerações sobre raça.....	93
6.2.11 Relatos de incidentes relacionados à condição de bolsista	95
7 CONCLUSÃO.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	103

INTRODUÇÃO

Existe algo de peculiar em competições esportivas universitárias no Brasil. Eventos como a CopaVet (que reúne alunos de cursos de veterinária), Engenhariadas (para alunos de engenharia) e Economiadas (para alunos de ciências econômicas) foram criados para integrar estudantes de cursos superiores com seus pares em diferentes instituições através do esporte. No entanto, tal contexto acabou por gerar grandes rivalidades entre os grupos de discentes das universidades que competem entre si. Criou-se um fenômeno similar a outro patrimônio nacional, as torcidas organizadas de futebol. Enquanto atletas se enfrentam em quadras e campos, os colegas na arquibancada entoam cantos de auto exaltação e depreciação dos alunos da faculdade rival.

As músicas feitas para provocar os alunos de instituições rivais costumam apontar um estigma que se convencionou adequado a um estereótipo do estudante de cada universidade. Quem frequenta faculdade mantida por instituição religiosa, por exemplo, acaba por ser taxado de “beato” ou “santinha” em versos como “... se acha a melhor em aprovação, mas tá lá embaixo pois não cai religião”¹, cantado em alusão ao índice de aprovação no Exame da Ordem da OAB².

Como o ensino superior no país é ofertado por instituições privadas (que cobram mensalidade) e públicas (que costumam oferecer ensino gratuito), é comum a estigmatização de estudantes a partir de tal distinção, relacionando-a a condição socioeconômica que se atribui idealmente aos alunos e a características convencionadas para cada tipo de instituição.

¹ Retirado do perfil no site YouTube da Atlético da Faculdade de direito a ser estudada no presente trabalho. A autoria das músicas aqui citadas é desconhecida, não existem créditos em nenhum site ou rede social da instituição. São canções de conhecimento público, cantadas há muitos anos.

² Exame submetido pela Ordem dos Advogados do Brasil – OAB – como condição para o exercício da profissão de advogado.

Assim, surgem versos como “Piririm, piririm, piririm, seu pai pagou para mim”³ e brincadeiras com uma suposta superioridade intelectual por parte de alunos de universidades públicas cujo ingresso é considerado mais difícil em razão da gratuidade.

Em contrapartida, estudantes de universidades privadas revelam a rivalidade com colegas de instituições públicas ao fazer chacota com as constantes greves ocorridas e pela suposta condição socioeconômica desfavorável desses alunos. Entretanto, por vezes tais “brincadeiras” acabam desvelando facetas mais graves, como quando a associação entre renda e raça se manifesta em racismo.

No dia quatro de junho de 2018 a Liga Jurídica Estadual do Rio de Janeiro destituiu a campeã dos Jogos Jurídicos Cariocas em razão de um episódio de racismo ocorrido na competição em Petrópolis. Uma aluna atirou uma banana em uma quadra em que se disputava um jogo de basquete. Tal fato foi seguido por um coro de alunos imitando macacos em alusão a instituição rival que disputava a partida, uma universidade estadual e, portanto, pública⁴.

O racismo escancarado sob o pretexto da rivalidade é um problema antigo nos Jogos Jurídicos do Rio de Janeiro. Em 2005 alunos de uma faculdade pública, federal, cantavam para os colegas de outra universidade pública, estadual, que acabara de aderir ao sistema de cotas:

*Cheiro forte de suvaco
postura de macaco
eles são favelado (sic)
Cota pro negão do lado
só tem mulher baranga
só tem homem viado
Eu sou do bonde do pau de aço
ao natural sem camisinha eu faço
No golpe do azar fez uma opção
escolhendo a estadual, que decepção
Um tal “governador” sem qualificação
pôs o sistema de cotas na instituição*

³ Fonte: perfil no YouTube da Associação Atlética de uma Universidade Pública de direito de Minas Gerais, considerada rival da faculdade a ser estudada no presente trabalho.

⁴ Fonte: RESTUM, Yasmim; RODRIGUES, Matheus. Equipe da PUC-Rio é punida após denúncias de racismo em jogos jurídicos. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/equipe-da-puc-e-punida-apos-denuncias-de-racismo-em-jogos-juridicos.ghtml>>. Acesso em: 30 out. 2019.

*Sou da Nacional vou mandar a estadual se foder
Mulata/ analfa/ prestou vestibular de dentro da prisão
Mulata/ analfa/ a cota da estadual foi a solução*

O fato de ter sido pioneira na adoção da política de cotas valeu à associação atlética da universidade estadual dois apelidos: “Congo” e “Navio negreiro”, que ainda em 2018 são usados pelos rivais. “Boto o Congo pra mamar. É favelado vou ajudar um pouquinho. Então toma um trocadinho vai, toma um trocadinho.” Cantavam em 2005 os alunos da faculdade que em 2018 perdeu seu título pelo episódio de racismo. Quando a universidade federal adotou o mesmo sistema, criaram-se os versos: “Ih já tem cota, já tem cota. Cheia de mendigo do campo de Santana. Logo você que zoava o congolês, o congolês, se fudeu, o pobre deles não é mais pobre que o seu”⁵

O preconceito contra beneficiários de políticas afirmativas de acesso ao ensino superior não é exclusivo dos futuros advogados, como demonstra a foto a seguir, retirada nos jogos paulistas de medicina⁶.



Figura 1: Torcida de uma universidade particular de São Paulo em março de 2016.

⁵ Fonte: CRUZ, Eliana Alves. “MULATA, ANALFA, POSTURA DE MACACO”: RACISTAS DO DIREITO NUNCA FORAM PUNIDOS. OUÇA MÚSICAS DE 2005. 2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/06/08/racismo-direito-puc/>>. Acesso em: 30 out. 2019. - Músicas modificadas para preservar a identidade das instituições.

⁶ Fonte: BELLINI, Jomar. Troca de ofensas entre torcidas gera polêmica sobre cotas raciais. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2016/03/troca-de-ofensas-entre-torcidas-gera-polemica-sobre-cotas-universitarias.html>>. Acesso em: 30 out. 2019.

Há que se destacar que apesar de episódios recentes como os narrados, o panorama das rivalidades entre universidades parece estar perdendo fôlego, pelo menos com relação às manifestações explícitas de preconceito. A criação do movimento Jogos Sem Racismo e a destituição do título de campeã dos Jogos Jurídicos RJ de uma universidade por práticas de injúria racial pelos alunos dão indícios nessa direção.

O modelo de rivalidade proposto acima é reproduzido também em Minas Gerais. Destaco especificamente a rixa ferrenha entre alunos do curso de direito de uma faculdade particular e outra federal. Eventos como os Jogos Jurídicos Mineiros são palco de provocações agressivas entre estudantes que deveriam competir esportivamente, como o próprio autor pode testemunhar. Estudei na universidade particular em comento, criada em 1975, que ostenta títulos como o primeiro lugar entre as faculdades privadas mineiras no ranking de aprovação do Exame de Ordem da OAB e bacharéis mais requisitados no mercado profissional pelo Ranking Universitário do Jornal Folha de São Paulo.⁷ Historicamente, o valor cobrado a título de mensalidade impedia a entrada de alunos oriundos de classes sociais menos favorecidas, visto ser a instituição mais cara dentre as que ofertam o curso de direito (segundo o site [mercadomineiro.com](http://www.mercadomineiro.com), que compara preços entre ofertantes diversos, a média mensal cobrada de estudantes não bolsistas em 2018 é de R\$ 2.688,00)⁸.

A boa condição financeira dos alunos dessa faculdade (ao menos daqueles que dispensam bolsa de estudo) criou um “mito” acerca da instituição, qual seja, a faculdade dos ricos, da *high society* mineira. Jessé Souza concebe o “mito” como a produção de um sentimento de “solidariedade coletiva”, um sentimento de unidade, de que “estamos todos no mesmo barco”. (SOUZA, 2009, p. 47) Tal rótulo era bem aceito e celebrado entre os estudantes, fato que não escaparia à observação de qualquer frequentador dos Jogos Jurídicos Mineiros, onde são entoadas as músicas:

Bandejão da “federal”,

⁷ Fonte: site da faculdade em tela, cujo nome será omitido ou modificado ao longo do texto para evitar a exposição do verdadeiro nome da instituição estudada.

⁸ Fonte: Pesquisa de Preços das Mensalidades de Faculdades Particulares - Preços de 2018. Disponível em: <<http://www.mercadomineiro.com.br/pesquisa/faculdade-mensalidade-precos>>. Acesso em: 30 out. 2018.

*é o maior desespero,
abobrinha, quiabo e purê,
mesma coisa o ano inteiro.
E eu como um pouquinho só,
e depois mais um pouquinho só,
porque eu sou pobre, pobre,
pobre e pobre.;*

*Tô chegando em Nova Lima,
tô chegando em Nova Lima,
tô chegando em Nova Lima,
e tá sobrando gasolina.;*

*Cidade dos jogos vamos invadir,
e com as cocotas vou me divertir.
Porque na Faculdade vou dizer como é que é,
whisky para os homens, champagne pras mulher.
E pra entrar na Faculdade, só de silicone,
faca no nariz, e também no abdome.
Meu pai é milionário sabe como enriqueceu?
Cobrando um honorário muito maior que o seu!;*

*E a pior de todas, é a federal.
Falam demais, mas no fundo pagam pau.
Não quero seu bigode, então não insista,
não te dou mole só porque você é cotista.*

*Ei federal, vai tomar no cu
Seu cabelo é uma merda,
Vou passar um Mon Bijou.*

Alguns dos sinais distintivos que diferenciam o aluno da Faculdade particular de seus colegas da universidade pública, segundo as músicas, são o poder financeiro e aquisitivo, o consumo de melhores produtos, o acesso à universidade via “cota”, a possibilidade de herança de capitais materiais e social transmitidos pelos pais e a aparência corporal (evidenciada no trecho que destaca os supostos “bigodes” das alunas e a afirmação de que seus cabelos precisam ser amaciados).

Os apontamentos trazidos até aqui, para além de revelar as dinâmicas de estigmatização oriundas da rivalidade entre faculdades, servem para situar o caso particular da universidade em que estudei e onde desenvolvi a presente pesquisa. Era comum ver os cantos acima transcritos entoados em ensaios no final das aulas, geralmente acompanhados pela percussão da autointitulada “Baterica”. Aqueles que não tocavam qualquer instrumento se agrupavam em forma de torcida organizada para exaltar os atletas da instituição. Nos eventos todos se uniformizavam com uma blusa que ostenta a

figura do mascote da Associação Atlética da Faculdade, um urso que traja ternos e um colar de ouro com um enorme pingente em formato de cifrão. O nome da torcida é “Os milionários”.

Mas um dia as portas da Faculdade se abriram para aqueles que antes eram zombados nas canções.

XXX

Entrei na Faculdade em 2006. Ao término do ensino médio não tinha qualquer convicção quanto à escolha de um futuro profissional. Aluno mediano em um bom colégio particular na zona sul de Belo Horizonte, gostava mais das leituras do que dos números. Fui aprovado em quatro vestibulares de faculdades particulares: comunicação social, cinema, publicidade e direito. Optei pelo que pensava ser a alternativa mais estável financeiramente e de maior aceitação social. Paralelamente, me senti atraído pela reputação da instituição, que ressoava forte entre as escolas da região. Não apenas quanto ao prestígio acadêmico proporcionado pelos títulos, índices e avaliações positivas em rankings diversos, mas também pela fama atribuída aos alunos e professores em razão do elevado status socioeconômico dos mesmos. Oriundo de classe média, consegui me formar em direito tendo os estudos custeados majoritariamente por meus pais.

Tentei me vestir muito bem para o primeiro dia de aula. Antes mesmo de entrar na Faculdade imaginava estratégias para passar uma boa impressão aos novos colegas e ser bem aceito no novo ciclo social. Nesses devaneios sempre lembrava as interações com meus amigos que considerava mais ricos para tentar conceber como seria a nova experiência. Chegando lá até que não foi difícil me enturmar, já que diversos conhecidos de colégios particulares da zona sul se matricularam também. Me senti como se estivesse em qualquer festa que frequentara um ano antes. As mesmas pessoas e as vezes tão bem vestidas quanto. Dentro desses alguns se destacavam pela opulência de suas posses, carros e estilo de vida mais próspero. Notei então

que boa parte do corpo discente vinha dessa mesma região, considerada nobre, de Belo Horizonte.

Mas nem todos vinham da zona sul. Em um exercício mental de sociologia amadora passei a dividir os colegas no que pensava serem nichos sociais. Além dos jovens com menos de vinte anos cuja família tinha condições de pagar as mensalidades, havia os alunos que bancavam o próprio estudo com os respectivos empregos. Em tempos de relativa bonança econômica no país, fiz amigos que procuravam melhorar o status ocupacional através do acesso ao ensino superior (que também se animaram com a fama da instituição, e resolveram se matricular mesmo que significasse prejuízo financeiro). Muitos em faixa etária mais elevada, que trabalhavam durante o dia e estudavam a noite.

Nunca percebi qualquer animosidade entre integrantes desses dois grupos imaginários que criei. Por afinidade, gosto e até coincidências em redes sociais (amigos em comum), me parecia natural que os membros de cada nicho se relacionassem mais entre si. Notei também o que julguei ser outra barreira relevante para a melhor interação entre esses, as saídas extraclasse. Enquanto muitos alunos tinham boa situação financeira e ainda não trabalhavam, o que os permitia sair com os amigos por várias noites na semana, alguns estavam cansados, tinham diversos compromissos no dia seguinte, moravam longe dos lugares escolhidos ou simplesmente não tinham dinheiro o suficiente para acompanhar os gastos daqueles. Assim, formavam-se laços que aproximavam os indivíduos de cada grupo enquanto as circunstâncias, de certa forma, pareciam distanciar pessoas de origens socioeconômicas distintas.

Mas existia ainda um terceiro grupo. No meu primeiro período eram apenas três alunos, bolsistas integrais beneficiados pela prefeitura da cidade. Desconheço os critérios usados para a seleção. Eram duas mulheres e um homem, um negro e uma negra. Os únicos da turma. Fiquei muito amigo dele, a quem também dedico esse trabalho. Nunca tivemos a chance de conversar fora da Faculdade, visto que nunca frequentamos os mesmos lugares. Não me lembro de sua presença em qualquer evento social da turma.

Mas foi com ele que me dei conta da inadequação que um bolsista poderia sentir numa instituição considerada tão elitista.

Gostaria muito de poder entrevistá-lo para o presente trabalho mas nunca mais o vi. Encantado pelas aulas de sociologia, ciência política e filosofia que tive no primeiro período e um pouco decepcionado com o curso de direito, resolvi prestar novo vestibular. Para isso tranquei um semestre de curso para me dedicar aos estudos. Nesse tempo, meu amigo bolsista, que trabalhava oito horas por dia e estudava à noite, perdeu sua bolsa por ficar abaixo da média em algumas matérias. Não tendo condições de pagar a mensalidade foi obrigado a largar o curso. As duas alunas bolsistas formaram-se regularmente e com ótimas notas. Uma delas me concedeu uma entrevista.

Após a pausa nos estudos em direito para prestar vestibular fui aprovado para o segundo semestre do curso de ciências sociais em uma universidade federal. No semestre ocioso decidi voltar para a Faculdade e segui o curso em outra turma, ainda mais atento à maneira em que os indivíduos se agrupavam e tendo como referência os grupos imaginários supracitados.

Quando entrei na universidade federal conheci um corpo discente consideravelmente mais heterogêneo do que na Faculdade. Maioria da turma era branca, mas de várias cidades diferentes e de origens socioeconômicas diversas. As saídas buscavam contemplar o máximo possível de alunos e não me parecia haver uma distinção tão marcante entre grupos de afinidade.

Durante minha graduação, na onda da “democratização” do ensino superior, a universidade implementou o programa REUNI, do governo federal. Em minha memória foi como se da noite para o dia o número de alunos tivesse duplicado. A adesão simultânea à política de cotas foi um desafio para minha sociologia amadora, que havia imaginado apenas três grupos na Faculdade, tamanha a diversidade sociocultural a que tinha contato pela primeira vez. Não conseguia mais pensar em nichos de afinidade, mas em um espectro complexo e sempre renovado.

E as relações sociais me pareciam fluir bem. Se em vários contextos os diferentes não se misturam, sentia ali um nível de tolerância maior, ao menos em relação aos ambientes que costumava frequentar. Presenciei constrangimentos, desentendimentos e até conflitos, claro, mas o saldo geral me parecia harmonioso. Talvez pudesse até me sentir diferente no ambiente, afinal eu mesmo vinha da Faculdade, da zona sul, mas passei incólume de qualquer fricção relacional intensa. Fiz amigos que considerava muito diferentes de mim à época, cuja companhia me parecia impensável alguns anos antes e que hoje se tornaram indispensáveis.

Paralelo ao meu retorno a Faculdade aderiu ao PROUNI.

Tive a chance de vivenciar duas experiências muito distintas em relação ao projeto de democratização do ensino superior, e desde então sempre considerei tecer algumas palavras a respeito. Pois aqui vão.

Enquanto as primeiras bolsas eram alocadas precisei cursar algumas disciplinas no turno da manhã. As turmas me pareciam ainda mais homogêneas dentro do que identificava como o estereótipo do aluno padrão da Faculdade, aquele tipo ideal que condensa várias características em comum dos indivíduos de um determinado grupo. Poucos eram aqueles que sustentavam o estudo com o próprio trabalho. Acho curioso mencionar que, entre os alunos da noite, esse estereótipo sempre era reforçado em piadas ou comentários jocosos indicando que os estudantes da manhã seriam mais ricos, às vezes desocupados ou bancados pelos pais. Existia a fama de que também se vestiam melhor; já ouvi várias vezes frases do tipo “o pessoal da manhã vai pegar sol com roupa de festa”.

As primeiras turmas de bolsistas não eram muito grandes, talvez cinco alunos ou dez por cento da sala. Imediatamente me chamava atenção o aumento do número de alunos que não considerava brancos, requisito quase fundamental na definição do grupo que cunhei como os “estabelecidos” da instituição. A questão racial não tardou em revelar tensões na relação entre os alunos. O primeiro indicativo fático do qual me lembro foi a aparição de pichações com injúrias raciais no banheiro da Faculdade. “Fora pretos da Faculdade” (o termo usado faz menção a um apelido da instituição, que aqui

será omitido)” foi aquela a me chocar mais. Porém, na cabine sanitária ao lado lia-se “A Faculdade está ficando feia” e logo abaixo “Fora bolsistas!”. Todas essas manifestações eram anônimas, como é de se esperar. Não me recordo de qualquer ato de repúdio da instituição ou de entidades estudantis. As pichações ficaram ali por muito tempo e, salvo alguns comentários entre colegas a questão jamais fora debatida.

A diversidade racial e socioeconômica que agora se apresentava nas salas de aula ainda não se refletia nas saídas extraclasse. Mantive laços mais fortes com colegas que provinham de origem similar a minha. Embora tivesse me aproximado de diversos colegas que já sabia serem bolsistas, esses raramente participavam de festas ou outros eventos como os Jogos Jurídicos.

Um segundo caso paradigmático que presenciei com relação à resistência de alguns alunos para com a mudança do perfil discente foram as mensagens anônimas postadas num grupo de estudos de uma turma de calouros. Tal episódio será melhor elucidado adiante, com o depoimento de uma envolvida. A maior diferença aqui foi a até então inédita iniciativa institucional para coibir manifestações preconceituosas dos alunos.

Todo ano a torcida “Os milionários” e a “Baterrica” se reuniam em horários próximos aos de aula para ensaiar os cantos apresentados nos Jogos Jurídicos, que exaltavam a própria riqueza dos estudantes e a qualidade pedagógica da Faculdade enquanto humilhavam alunos de outras instituições conforme as letras transcritas. Passei a pensar na ironia criada com a situação, já que as músicas cantadas apontavam a estigmatização dos rivais através de características compartilhadas por muitos dos novos colegas de classe. Maioria dos frequentadores dos Jogos me parecia defender os cantos, justificando tratar-se apenas de uma brincadeira sem qualquer motivação ofensiva. Mas poucos alunos bolsistas frequentavam tais eventos de acordo com minha percepção. Talvez o alto preço de participação fosse um entrave, mas hoje me pergunto se a atitude hostil para com sinais de “pobreza” e a coesão construída pela solidariedade coletiva que exalta um grupo específico, não mantiveram outros nichos afastados desses eventos e das pessoas que o frequentavam.

Não era difícil enxergar que a distribuição de alunos em grupos de afinidade era largamente influenciada pela condição de bolsista de alguns. Nos períodos de intervalo entre aulas, por exemplo, era possível notar a divisão física na ocupação dos espaços da Faculdade. Nas turmas que frequentei era comum que boa parte dos bolsistas permanecesse nas salas enquanto outros alunos ocupavam uma área similar a uma arena, onde também se realizavam os ensaios para as músicas cantadas nos jogos. Alguns colegas bolsistas demoraram mais a criar vínculos com os amigos com quem costumavam conversar. E sempre que questionava o afastamento desses a resposta contemplava dificuldade de se integrar ao grupo diverso, seja por questões materiais, culturais ou mesmo pela generalização de estigmas como “eu não vou andar com esses boyzinhos e patricinhas, filhinhos de papai”. Existia também uma afirmação da autonomia individual diante da posição de inferioridade socioeconômica, já que para muitos o estereótipo do aluno rico e bancado pelos pais também vinha acompanhado de uma carga negativa.

Tendo convivido com um contexto de relativa segregação entre os grupos durante quase todo o curso vale apontar o testemunho de algumas iniciativas que levaram tal questão em conta, de modo a contestar a estrutura vigente e tentar diminuir as fricções de convívio. A primeira, uma política adotada por uma das gestões do Diretório Acadêmico, que conferia gratuidade no acesso do estudante que comprovasse ser bolsista a qualquer evento promovido pela entidade. A segunda, encabeçada por um movimento independente de estudantes, contestava os cantos preconceituosos proferidos pelos colegas em eventos esportivos. Não me lembro de qualquer ação institucional (salvo a supracitada) da diretoria da Faculdade para lidar com o preconceito, por vezes explícito, de alguns alunos, ou mesmo para promover melhor integração do corpo discente. Ao menos enquanto estudava lá.

Os fatos relatados, ocorridos já nos últimos semestres da minha graduação, me levaram a pensar que algumas barreiras para o melhor convívio entre os grupos começavam a ruir lentamente. Voltar a campo tanto tempo depois me permite aferir a melhor integração, ou não, entre alunos bolsistas e não bolsistas. Buscarei ilustrar com entrevistas o panorama das relações sociais na Faculdade em tempos distintos, enquanto aluno e agora, para tentar

tecer alguns comentários sobre o impacto histórico-temporal na sociabilidade entre grupos.

XXX

O objetivo basilar do presente trabalho é analisar a dinâmica social dos estudantes da Faculdade a partir de uma perspectiva que assume a existência de grupos distintos, bem como identificar a maneira com que a diferença de classe pode influenciar a sociabilidade entre os estudantes.

Uma questão transversal é a percepção da distinção entre os grupos. Como os alunos não bolsistas veem seus colegas beneficiários? E os bolsistas, frente ao contexto de forte distinção social, se sentem intrusos, estranhos no ambiente? Procuram se mesclar e quebrar a barreira da diferença de *habitus* (conceito a ser discutido a seguir)? São bem aceitos em grupos sociais dos “Milionários” ou são obrigados a se agrupar entre si?

As relações sociais entre alunos bolsistas e não bolsistas são discutidas à luz de autores notáveis que tratam de temas como desigualdade e estratificação social, relações de poder, distinção cultural entre classes e estratégias de interação interpessoal.

Segundo Norbert Elias, em seu livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*, “Assim, encontrava-se ali, naquela pequena comunidade (...) como que em miniatura um tema humano universal” (ELIAS, 2000, p. 19). Tal trecho aponta para as vantagens do estudo de uma pequena unidade social, que permite uma “minúcia considerável” na investigação e ainda revela potencial de servir como “paradigma empírico” a outras figurações, mais complexas, maiores e diferenciadas. A distinção entre grupos interdependentes é característica comum a diversos agrupamentos sociais. Acredita-se, portanto, que o presente trabalho, mais do que desvelar peculiaridades na interação entre alunos da faculdade estudada, pode contribuir na análise de um novo contexto, matriz de novas figurações. O PROUNI inundou universidades privadas brasileiras de estudantes pertencentes a uma camada social a qual o ensino superior era negado historicamente. Os conflitos aqui narrados,

provavelmente, se repetem em diversas outras instituições país afora. O caso da Faculdade parece servir como paradigma perfeito de estudo em razão do valor da mensalidade, do “perfil” do aluno não bolsista e do “mito” criado na interação com alunos de outras instituições. Mas em maior ou menor escala o presente trabalho pode reproduzir a realidade dos balanços de poder em diversas universidades que aderiram ao programa.

1 A “DEMOCRATIZAÇÃO” DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

No final da última década a Faculdade aderiu ao PROUNI (Programa Universidade para Todos) e ao FIES (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior), o que possibilitou o acesso de alunos que antes não teriam condições de custear o estudo na instituição.

Os programas surgem no contexto da chamada Reforma Universitária no governo Lula da Silva, que parte da literatura trata como uma iniciativa de democratização da educação superior brasileira (Catani *et al.*, 2006). Para tal, foram concebidos projetos que contemplam ações afirmativas e medidas de reparação e redistribuição. As primeiras, na lição de Guimarães (1997), buscam “promover privilégios de acesso a meios fundamentais – educação e emprego, principalmente – a minorias étnicas, raciais ou sexuais que, de outro modo, estariam deles excluídas, total ou parcialmente.” (1997, p. 233).

As políticas de ação afirmativa têm um histórico recente. Nos Estados Unidos, por exemplo, remontam da década de 60, quando passaram a ser aplicadas visando maior inclusão social de grupos afro-americanos que tinham pouca ou nenhuma representação em determinados nichos relevantes no mercado de trabalho e na atuação política. Algumas universidades foram obrigadas a reservar vagas para a entrada de estudantes negros, bem como foram adotadas campanhas de conscientização contra o preconceito em mídias, e órgãos publicitários adequaram sua atuação para contemplar maior diversidade racial. A partir de então foram adotadas em vários outros países como Inglaterra, Canadá, Índia, Alemanha, Austrália, Nova Zelândia e Malásia (Munanga, 2001).

No Brasil o maior expoente de política de ação afirmativa é a Lei de Cotas, n. 12.711 (BRASIL, 2012), implementada em 2012, que reserva metade das vagas em Universidades, Institutos e Centros Federais para alunos oriundos de escolas públicas. Dentro dessa reserva são estabelecidas cotas para estudantes autodeclarados negros e indígenas em acordo com o percentual desses na população de cada estado segundo o IBGE. No entanto,

mesmo antes da ratificação do dispositivo legal supracitado, diversas Universidades brasileiras já haviam adotado algum sistema de cotas para o ingresso no ensino superior, sendo a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) a pioneira (Guarnieri, Silva, 2017).

Paralelo às ações afirmativas o Governo Federal adotou também medidas de reparação e redistribuição na oferta de vagas universitárias. Essas se diferem das primeiras por assumirem como critério de aprovação apenas a hipossuficiência socioeconômica, independente de suas raízes étnicas, raciais ou sexuais. (Contins, Sant'Ana, 1996).

O PROUNI – Programa Universidade para todos – foi criado em 2005 pela Lei n. 11.096 e regulamentado pelo Decreto n. 5.493/2005. Seu propósito é a oferta de vagas em Instituições de Ensino Superior privadas para alunos que não poderiam custear os estudos. Assim, são conferidas bolsas parciais e integrais bancadas pelo governo através de isenções e renúncias fiscais em favor da IES a ofertar a vaga. No artigo 2º da lei são expostas as condições para ingresso no programa (BRASIL, 2005):

Ter cursado o ensino médio completo em escola pública, ou; ter cursado o ensino médio completo em escola privada com bolsa integral da instituição, ou; ser pessoa com deficiência, ou; ser professor da rede pública de ensino básico, em efetivo exercício, integrando o quadro permanente da instituição e concorrendo a vagas em cursos de Licenciatura, Normal Superior ou Pedagogia. Neste último caso, a renda familiar por pessoa não é considerada.

Além disso é exigida a participação do candidato no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) do ano corrente e a comprovação da renda familiar *per capita* do domicílio do candidato. Estudantes cuja renda familiar seja menor do que um salário mínimo e meio podem aplicar para a bolsa integral, ao passo que a bolsa parcial de cinquenta por cento pode ser destinada ao estudante cuja renda não ultrapasse três salários mínimos (BRASIL, 2005)

Outro programa governamental de natureza reparativa e redistributiva adotado pela Faculdade é o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), criado pela Lei 10.260/2001 e que concede financiamentos para que estudantes possam custear seus cursos em universidades privadas. O

candidato que comprova renda familiar *per capita* de até três salários mínimos é elegível para o financiamento com juros zero, enquanto aquele cuja renda não ultrapassa cinco salários mínimos deve pagar “prestações respeitando seu limite de renda.”⁹

Ainda no contexto de democratização do ensino superior brasileiro vale destacar o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto No. 6.096/2007, que busca a adoção de “... uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior.”¹⁰. Tal iniciativa se desenvolve por quatro dimensões; a ampliação da oferta de educação superior pública (através do aumento de vagas de ingresso, especialmente no período noturno; redução das taxas de evasão; e ocupação das vagas ociosas.); reestruturação acadêmico-curricular; renovação pedagógica da educação superior; suporte da pós graduação ao desenvolvimento e aperfeiçoamento qualitativo dos cursos de graduação; compromisso social da instituição e mobilidade intra e interinstitucional.

Ainda que os efeitos da chamada democratização do ensino superior sejam tema de diversos estudos, faltam trabalhos que tratem especificamente da interação social entre alunos oriundos de classes socioeconômicas distintas conforme o panorama apresentado no caso da Faculdade.

Inicialmente é oportuno citar o trabalho de Catani *et al.* (2006) justamente por criticar a noção de que o PROUNI seria um dos pilares da democratização do ensino superior. Os autores apontam que o investimento do programa seria melhor usado no setor público, que confere maior qualidade pedagógica e pode oferecer melhores mecanismos que possibilitem a permanência do aluno. Nos moldes oferecidos o PROUNI serve mais ao setor

⁹ Fonte: FIES – Programa de Financiamento Estuantil. Disponível em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 30 out. 2019.

¹⁰ Fonte: REUNI – Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. Disponível em: <<http://reuni.mec.gov.br/>>. Acesso em: 30 out. 2019.

privado e ainda padece da falta de transparência que pode implicar num gasto que não cumpre totalmente seu objetivo.

Ao invés de privilegiar as IES privadas, o governo poderia investir no setor público, capaz de democratizar a educação superior. Todavia, para cumprir a meta do PNE de ampliar de 9% para 30% a população de 18 a 24 anos no ensino superior até 2010, o MEC optou por conceder benefícios e não promover direitos. (Catani *et al.* 2006, p. 137)

Um aspecto interessante do artigo acima, sobretudo quanto ao tema do presente trabalho, é a constatação de que o PROUNI “contribui para a manutenção da estratificação social existente.” pois “legitima a distinção dos estudantes por camada social de acordo com o acesso aos diferentes tipos de instituição (prioridade para a inserção precária dos pobres no espaço privado)” (Catani *et al.*, 2006, p.135)

Outra crítica quanto ao formato do programa e a relação supostamente promíscua instituída entre o poder público e as instituições privadas vem de Valente e Helene que afirmam: “O que o PROUNI faz é aumentar as isenções fiscais para as IES privadas que, com poucas exceções, não prestam contas de como as usam, remuneram de forma ilegal seus sócios, não tem transparência na concessão de bolsas e maquiam balanços.” (Valente, Helene, 2005). Em estudo sobre os efeitos financeiros do PROUNI em uma universidade privada, Haas e Pardo atestaram que a instituição em questão teve um ganho de 424% na comparação entre valores efetivamente investidos nas bolsas e o montante relativo às isenções fiscais concedidas. (Haas, Pardo, 2017)

O debate acadêmico a respeito dos efeitos do PROUNI é profícuo sobretudo quanto as avaliações dos indicadores de acesso, permanência e evasão dos alunos. Dias da Costa e Ferreira apresentam resultados que levantam pontos importantes para o debate sobre o programa:

1) Uma residual parcela da população tem tido bolsa para ingressar na Educação Superior; 2) A renúncia fiscal beneficia as IES privadas, e diminui a pressão no Governo Federal de arcar com a abertura de novas vagas nas IES públicas; 3) O volume da isenção fiscal acumulado entre 2006 a 2012 é tão significativo que poderia sustentar todas as IFES integralmente durante um ano, ainda com saldo significativo; 4) A distribuição dos bens educacionais entre os bolsistas PROUNI e acadêmicos pagantes é desigual, dirigindo os estudantes das camadas populares geralmente a Cursos pouco

procurados e de baixa qualidade. (Dias da Costa, Ferreira, 2017, p. 159)

Outro ponto de farta literatura são as comparações de desempenho acadêmico entre estudantes beneficiários de alguma política pública (lei de cotas, FIES e PROUNI) e os demais alunos matriculados nas mesmas turmas. Um dos mais interessantes entre os estudos encontrados, conduzido por Rodrigues (2015), compara entrada e permanência de estudantes do PROUNI com não bolsistas. Waltenberg e Carvalho comprovam que as ações afirmativas obtiveram relativo sucesso em aumentar a diversidade dos ingressantes no ensino superior a troco de uma discreta discrepância de rendimento acadêmico em favor dos alunos não beneficiários nos resultados do Enade (Waltenberg, Carvalho, 2013). Bezerra e Gurgel atestaram que a diferença no desempenho acadêmico se mostra acentuada no ingresso por vestibular e tende a diminuir durante a trajetória universitária, sendo que ao final do curso o rendimento dos alunos bolsistas é praticamente idêntico ao dos colegas em estudo conduzido na UERJ (Bezerra, Gurgel, 2012). Os resultados do Enade são usados também por Wainer e Melguizo em estudo que compara as médias das notas de alunos que entraram via cotas, bolsistas do PROUNI, beneficiários do FIES e os demais alunos. O fato curioso dessa pesquisa é apontar que bolsistas do PROUNI parecem ter acumulado mais conhecimento do que seus colegas de classe (Wainer, Melguizo, 2018).

Ainda que os indicadores de acesso, permanência, evasão e conclusão de alunos beneficiários de políticas públicas sejam de suma importância para as investigações sobre os bolsistas da Faculdade, o presente trabalho pretende focar mais na trajetória desses – e dos demais colegas – para compreender a sociabilidade dos alunos em um corpo discente marcado por forte distinção social. Tal contexto é evidenciado, por exemplo, no trabalho de Ariño e Delvan (2018) que traça um perfil de alunos Prounistas e expõe as dificuldades citadas por esses no trajeto universitário (financeiras, conciliação com trabalho, déficit educacional, preconceito, entre outras), bem como as estratégias adotadas para superação dessas dificuldades. Já Fontele e Crisóstomo (2016) conduziram um estudo qualitativo entre bolsistas do ProUni de quatro IES particulares de Fortaleza para apontar os pontos controversos do programa de acordo com os próprios beneficiários. Entre os pontos

pesquisados estão: a escolha dos cursos, com respostas associadas à boa perspectiva de emprego, aptidão e limitações impostas pela IES; as dificuldades do percurso formativo, com respostas associadas à falta de tempo para estudo, limitações econômicas e a falta de base; e à possibilidade de discriminação, com respostas associadas à discriminação por funcionários e colegas. Outro estudo que entrevista os próprios beneficiários buscando críticas e comentários sobre a trajetória acadêmica, relacionando-a a aspectos particulares do programa, é aquele conduzido por Creutzberg et al. (2015) na PUC-RS.

Por fim, dentre várias teses e dissertações produzidas sobre os temas aqui abordados, destacamos as de Santos (2016) que descreve a trajetória de alunos bolsistas do PROUNI em um curso de pedagogia; as narrativas autobiográficas de três bolsistas de uma universidade em São Paulo, contrapostas com estudos teóricos sobre as políticas de acesso ao ensino superior, conforme escrito por Silva Filho (2010); a dissertação de Carvalho Junior (2018), que acompanha os alunos bolsistas de uma turma de administração de empresas de Mossoró-RN; e a tese de Perdigão (2015), que acompanha egressos de um curso de administração em Belo Horizonte, buscando esclarecer se as expectativas de melhora de vida através do acesso ao ensino superior foram satisfeitas e em qual medida.

2 REVISÃO DE LITERATURA PERTINENTE

O estudo das interações sociais entre estudantes da Faculdade considerando a distinção entre grupos –bolsistas e não bolsistas-, traz como aporte teórico discussões que versam sobre estratificação social e a distinção entre indivíduos levando em conta a categoria classe social e características individuais, que somadas a demarcadores como raça e gênero podem auxiliar a elucidar o processo de diferenciação.

Inicia-se pela leitura de Pierre Bourdieu, bem como a adequação de alguns de seus conceitos-chave ao objeto pesquisado. O autor contesta o cânone marxista que entende a estratificação social e a desigualdade em acordo principalmente com a condição socioeconômica que cria classes antagônicas como exploradores e explorados. Se até esse momento a distinção entre alunos bolsistas e não bolsistas é lida principalmente pela posse de bens materiais, Bourdieu nos obriga a dar um passo atrás e repensar tal suposição.

O autor inicia sua obra máxima, *A Distinção: crítica social do julgamento*, apontando que “Os bens culturais possuem, também, uma economia, cuja lógica específica tem de ser bem identificada para escapar ao “economicismo”.” (BOURDIEU, 2008, p. 9) Tal qual o acúmulo de bens materiais se traduz em capital, pelo qual torna possível dividir a sociedade em classes, a apropriação de bens culturais através das práticas culturais (como acesso a leituras, museus, concertos, exposições, etc.) guiadas pela formação do gosto, torna-se capital e enseja também a possibilidade de divisão social em classes.

A classificação proposta por Bourdieu se dá a partir da apropriação do que chamou de poderes sociais fundamentais, que são:

Em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital

toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos.
(BOURDIEU, 1987, p.4)

Chamando atenção especial para o capital cultural vale ressaltar que o mesmo é composto por três formas que se acumulam. Na forma objetivada é constituído pela apropriação de bens culturais conforme exposição supra e também pelo potencial crítico, teórico ou problematizador quanto à cultura consumida. A forma institucionalizada é aquela adquirida pela chancela de indivíduos designados para tal no campo em questão, materializada em títulos de aprendizado como certificado escolar e diplomas, que tem garantia conferida. Por fim, no estado incorporado, é herdada através da sociabilidade e passa a fazer parte do *habitus* do indivíduo, “sob a forma de disposições duráveis do organismo.” (BOURDIEU, 1979, p. 2)

Curiosamente, o conceito de *habitus* é reescrito reiteradamente na obra do autor. Não enxergo maiores contradições entre os usos do termo nas leituras em que tive acesso, usualmente são explicações adequadas ao contexto em debate, algumas mais outras menos esmiuçadas, que se complementam e constituem o escopo da teoria. Assim, antes de discutir o conceito relacionando-o ao objeto de estudo, cito o próprio Bourdieu elucidando o termo em momentos distintos.

Estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: o princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais. (BOURDIEU, 2008, p. 164)

É a sua posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com eles, em todo tempo e lugar, sob a forma de *habitus*. Os indivíduos “vestem” os *habitus* como hábitos, assim como o hábito faz o monge, isto é, faz a pessoa social, com todas as disposições que são, ao mesmo tempo, marcas da posição social e, portanto, da distância social entre as posições objetivas, entre as pessoas sociais conjuntamente aproximadas e a reafirmação dessa distância e das condutas exigidas para “guardar suas distâncias” ou para manipulá-las estratégica, simbólica ou realmente reduzi-las, aumentá-las ou simplesmente mantê-las (BOURDIEU, 1983, p. 75).

Uma das razões pela qual o conceito tomou tamanha relevância em seu campo é a introdução de novos fatores no debate acerca da divisão de classes, indo além da posição ocupada nas relações de produção e trazendo para a discussão as disposições adquiridas pelo indivíduo através da

sociabilidade (estruturadas e estruturantes), que servem também para posicionar o ator no espaço social (uma representação abstrata similar a um mapa, que identifica o posicionamento em que os agentes se distribuem em acordo com a assimilação de capitais objetivados ou incorporados, e que divide os indivíduos em classes (BOURDIEU, 2008)).

Outro conceito citado acima e de fundamental importância na teoria bourdieusiana é o de campo, quase tão reescrito quanto *habitus* em suas obras. Mas nesse caso, considero mais didática e de fácil compreensão a lição abaixo, sintética e precisa:

Campo é um microcosmo social dotado de certa autonomia, com leis e regras específicas, ao mesmo tempo em que influenciado e relacionado a um espaço social mais amplo. É um lugar de luta entre os agentes que o integram e que buscam manter ou alcançar determinadas posições. Essas posições são obtidas pela disputa de capitais específicos, valorizados de acordo com as características de cada campo. Os capitais são possuídos em maior ou menor grau pelos agentes que compõem os campos, diferenças essas responsáveis pelas posições hierárquicas que tais agentes ocupam. (PEREIRA, 2015, p. 341)

As classes constituídas levando em conta o *habitus* e a possibilidade de acúmulo de tipos diversos de capitais são definidas:

como conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades objetivadas, às vezes, garantidas juridicamente – por exemplo, a posse de bens ou poderes – ou incorporadas, tais como os *habitus* de classe – e, em particular, os sistemas de esquemas classificatórios. (BOURDIEU, 2008, p. 47)

Estabelecidos os principais parâmetros da teoria da distinção social de Bourdieu passa-se a pensar como relacionar essa ao contexto da Faculdade enquanto espaço social. Um fator que pode servir como diferenciador entre as classes denominadas bolsistas e não bolsistas é relacionado ao que o autor chama de estilo de vida:

Os estilos de vida são, assim, os produtos sistemáticos dos *habitus* que, percebidos em suas relações mútuas segundo os esquemas do *habitus*, tornam-se sistemas de sinais socialmente qualificados – como “distintos”, “vulgares”, etc. A dialética das condições dos *habitus* é o fundamento da alquimia que transforma a distribuição do capital, balanço de uma relação de forças, em sistemas de diferenças percebidas, de propriedades distintivas, ou seja, em distribuição de

capital simbólico, capital legítimo, irreconhecível em sua verdade objetiva. (BOURDIEU, 2008, p. 164)

Vale apontar que embora a apropriação dos tipos de capital descritos possa se realizar de maneira independente (o autor cita exemplos de professores universitários, que em geral são dotados de grande capital cultural, e nem tanto do econômico, ou do empresário que acumula enorme montante de capital econômico sem necessariamente adquirir altas somas de capital social ou cultural), existe certa medida de relação na posse de capitais (BOURDIEU, 2008). Um aluno bolsista, necessariamente dotado de baixo capital econômico, salvo caso de fraude (condição de concessão da bolsa), tem maiores dificuldades em acumular outras formas de capital. O espaço social em que se posiciona o estudante mais rico tende a oferecer interações em redes com indivíduos mais influentes e que oferecem maiores possibilidades de beneficiamento. Da mesma forma, o estudante mais pobre encontra maiores entraves no acúmulo de capital cultural por ser materialmente impedido de possuir muitos bens culturais ou mesmo de acumular títulos educacionais.

Os estilos de vida enquanto *habitus* traduzido para a prática social atuam também na distinção entre os grupos de alunos. Alguns sinais socialmente qualificados (relativos aos diversos tipos de capital, conforme discussão posterior) que posicionariam o agente em alta cota na hierarquia do campo da Faculdade são, a princípio, irreproduzíveis por atores de outras classes sociais, menos dotados dos já referidos capitais. Outro ponto passível de diferenciação entre os grupos é o gosto, que inclui práticas e estratégias que almejam o posicionamento dos estilos de vida no espaço social em consonância com a experiência de integrar tal posição.

Assim, o gosto é o operador prático das transmutações das coisas em sinais distintos e distintivos, das contribuições contínuas em oposições descontínuas; ele faz com que as diferenças inscritas na ordem física dos corpos tenham acesso à ordem simbólica das distinções significantes. (...) Este sistema de classificação que é o produto da incorporação da estrutura do espaço social tal como ela se impõe através da experiência de uma determinada posição nesse espaço é, nos limites das possibilidades e das impossibilidades econômicas – que ele tende a reproduzir em sua lógica –, o princípio de práticas ajustadas às regularidades inerentes a uma condição; ele opera continuamente a transfiguração das necessidades em estratégias, das obrigações em preferências, e de estilos de vida

classificados e classificantes que adquirem seu sentido – ou seja, seu valor. (BOURDIEU, 2008, p. 166)

Se os fatores apresentados embasam também a distinção entre bolsistas e não bolsistas, faz-se necessário pensar no efeito da distinção nas interações sociais entre atores de cada grupo. Bourdieu chama de afinidade eletiva aquela ocorrida quando indivíduos decifram inconscientemente a compatibilidade de seus *habitus*. A teoria sugere então que a sociabilidade entre estudantes bolsistas e não bolsistas pode ser influenciada pela diferença de classe.

O senso social encontra suas referências no sistema de sinais indefinidamente redundantes entre si de que cada corpo é portador - vestuário, pronúncia, postura, forma de andar, maneiras - e que, registrados inconscientemente, encontram-se na origem das "antipatias" ou "simpatias": as "afinidades eletivas", aparentemente, mais imediatas baseiam-se sempre, por um lado, na decifração inconsciente de traços expressivos que cada um só adquire sentido e valor no interior do sistema de suas variações segundo as classes. O gosto é que emparelha e assemelha coisas e pessoas que se ligam bem e entre as quais existe um mútuo acordo. (BOURDIEU, 2008, p. 225)

Pensar a Faculdade como espaço social traz à tona outra questão levantada pelo autor, a relativa correspondência entre os espaços físico e social. Cada ator se insere majoritariamente dentro de um espaço físico em cujo suas principais relações se desenvolvem e onde ele se posiciona socialmente de forma natural, como se sentisse "em casa". Diz Bourdieu: "não existe ninguém que não seja caracterizado pelo lugar em que está situado de maneira mais ou menos permanente ("não ter eira nem beira" ou não possuir "domicílio fixo" é ser desprovido de existência social)" (BOURDIEU, 2001, p. 165)

Localizada em Nova Lima, município vizinho da zona sul de Belo Horizonte, considerada a mais nobre da cidade, a Faculdade está fisicamente inserida entre enormes e novos edifícios comerciais que sediam escritórios de grandes empresas e de profissionais liberais que podem arcar com o alto custo de se instalar na região. Pouco adiante, diversos prédios residenciais de padrão luxuoso e logo após uma região de condomínios fechados onde se constroem casas opulentas, geralmente ocupadas pela classe mais próspera (materialmente) de Belo Horizonte.

A região descrita é familiar para a maioria dos indivíduos que frequenta a zona sul de Belo Horizonte, especialmente em razão de um grande *shopping center* ali instalado, mas é de difícil acesso para moradores de outras regiões e sobretudo para quem não dispõe de veículo automotor. Surge então outro fator distintivo uma vez que certa parcela dos estudantes, notadamente aqueles que não dependem de bolsa, estão inseridos nesse espaço físico e social de maneira a evitar rupturas com o *habitus* individual.

O espaço social tende a se retraduzir, de maneira mais ou menos deformada, no espaço físico, sob a forma de um certo arranjo de agentes e propriedades. Por conseguinte, quaisquer divisões e distinções do espaço social (alto/baixo, esquerda/direita etc) se exprimem real e simbolicamente no espaço físico apropriado como espaço social reificado (por exemplo, na oposição entre bairros elegantes e os bairros populares e subúrbios. (BOURDIEU, 2001, p. 164)

A supracitada ruptura pode ocorrer através da inserção do agente em um espaço social que não valoriza suas disposições adquiridas pelo *habitus* e cobra diferentes níveis de capital acumulado para melhor posicionamento social, como pode ser o caso de alunos bolsistas.

O *habitus* não é necessariamente adaptado, nem necessariamente coerente. Possui seus graus de integração – que correspondem, sobretudo, a graus de “cristalização” do estatuto ocupado. Observa-se, então, *habitus* dilacerados, entregues à contradição e à divisão contra si mesma, geradora de sofrimentos, parecem corresponder a posições contraditórias, tendentes a exercer sobre seus ocupantes “duplas constrições” estruturais. Ademais, mesmo que as disposições possam se depauperar ou se enfraquecer por uma espécie de “usura” ligada a ausência de atualização (correlata, sobretudo, de uma mudança de posição e de condição social) ou pelo efeito de uma tomada de consciência associada a um trabalho de transformação (como a correção dos sotaques, das maneiras, etc), existe uma inércia dos *habitus* cuja tendência espontânea consiste em perpetuar estruturas correspondentes às suas condições de produção. (BOURDIEU, 2001, p. 195/196)

Assim, a inserção do aluno bolsista no espaço social Faculdade pode lhe render um sentimento de inadequação por vezes manifesto em sofrimento. Outrossim, a leitura e o entendimento das dinâmicas do espaço podem levar o estudante a forçar uma adaptação, modificando, por exemplo, seu vestuário, seu modo de falar ou suas saídas extraclasse para lazer.

Entretanto, vale ressaltar que o *habitus* de classe preponderante no espaço social Faculdade à época em que fui aluno não é estático ou

imutável. Tal perspectiva confere importância à análise histórica proposta, visto que as dinâmicas do campo podem ter se transformado ao longo do tempo. Se no período em que fui admitido as bolsas concedidas eram poucas, atualmente os alunos bolsistas ultrapassam um terço do corpo discente.

De modo mais geral, contudo, a diversidade de condições, a diversidade correspondente de *habitus* e a multiplicidade de deslocamentos intra e intergeracionais de ascensão ou declínio fazem com que os *habitus* possam se defrontar, em inúmeros casos, com condições de atualização diferentes daquelas em que foram produzidos: isso ocorre em especial em todos os casos em que os agentes perpetuam disposições tornadas obsoletas pelas transformações das condições objetivas (envelhecimento social), ou quando ocupam posições capazes de exigir disposições diferentes daquelas derivadas de sua condição de origem, seja de modo duradouro, como os *arrivistas*, ou de maneira conjuntural, como os mais destituídos quando têm que se defrontar com situações regidas pelas normas dominantes, como em certos mercados econômicos ou culturais. (BOURDIEU, 2001, p. 196)

Se uma possível mudança nas dinâmicas do campo pode favorecer a adequação de alunos bolsistas, talvez o oposto se aplique ao estudante tradicional da faculdade (não bolsista). “Em situações de crise ou de rápida mudança, certos agentes, frequentemente os que eram justamente os mais bem adaptados ao estado anterior do jogo, têm dificuldade de se ajustar a nova ordem estabelecida.” (BOURDIEU, 2001, p.197). E os alunos bolsistas teriam de se vigiar e aprender a se comportar de maneira adequada ao espaço físico/social:

Ademais, o grau com que podemos nos entregar aos automatismos do senso prático varia conforme as situações e os domínios de atividade, mas também segundo a posição ocupada no espaço social: é provável que os que se encontram “em seu lugar” no mundo social possam mais e mais se entregar completamente e confiar em suas disposições (é o “desembaraço” das pessoas bem nascidas) do que os que ocupam posições em falso, tais como os *arrivistas* e os desclassificados; no entanto esses últimos têm mais chances de tomarem consciência do que para os outros lhes parece evidente, pelo fato de se verem obrigados a se vigiar e a corrigir conscientemente os “primeiros movimentos” de um *habitus* gerador de condutas pouco adaptadas ou deslocadas.(BOURDIEU, 2001, p. 198)

Bourdieu concedeu também uma vasta contribuição ao debate sobre classes sociais no âmbito da sociologia da educação. Sua tese central é que escolas e instituições de ensino servem como instrumentos de reprodução e legitimação da desigualdade social. O autor conduziu um estudo empírico

sobre o sistema educacional francês e analisou sistemas diversos para constatar uma correlação entre a desigualdade educacional e social. Tal conclusão contraria convicções e expectativas do “senso comum” quanto ao potencial da escola e do estudo para a ascensão social. E mais, nem mesmo a universalização gratuita das escolas (afinal educação pode ter preço e nem todos podem pagar pela melhor, o que por si já gera desigualdade) garantiria igualdade nas chances de êxito educacional para indivíduos oriundos de classes sociais distintas. (BOURDIEU, 1992)

para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1998, p. 53)

O trecho acima é melhor compreendido levando em consideração o papel que a escola pode assumir na dominação social. O sucesso escolar não depende apenas de méritos individuais de cada estudante uma vez que o *habitus* de classe já posiciona em vantagem os alunos oriundos da classe dominante. Isso porque o conteúdo ensinado privilegia formas de capital cuja aquisição prévia é, via de regra, quase restrita àqueles provenientes de camadas sociais superiores. A escola não é uma instituição neutra que busca garantir oportunidades iguais para todos, mas uma instituição que naturaliza as diferenças sociais e as projeta como individuais de modo a garantir maior sucesso aos filhos da elite. Tal fato se traduz na trajetória posterior dos alunos privilegiados, visto que a escola (como a origem familiar) é um bom preditor do posicionamento social futuro. (BOURDIEU, 1992)

O sistema educacional brasileiro é marcado por um abismo qualitativo entre escolas públicas e privadas (gratuitas e pagas). Aquele que tem condições de arcar com o custo do estudo em instituições particulares recebe uma educação considerada melhor e amplia seus horizontes quanto às oportunidades futuras, incluindo o acesso ao ensino superior. Por muito tempo as universidades públicas (essas consideradas melhores do que as privadas, em geral) abrigaram uma maioria considerável de alunos que poderiam sustentar seus estudos em instituições privadas em razão de sua origem social,

ao passo que estudantes que não poderiam arcar com cursos em universidades particulares perdiam suas vagas na universidade pública.

Programas como os citados PROUNI, FIES e REUNI foram concebidos para tentar mudar essa realidade. Mas como prolongamento da trajetória educacional o ensino superior padece dos mesmos vícios da escola, que hierarquiza alunos em acordo com a aquisição de capitais vinculados à posição social do indivíduo. Tal realidade pode custar aos alunos bolsistas uma maior dificuldade de adequação pedagógica que pode refletir nas notas e por vezes até lhes valer a expulsão dos citados programas. Uma das investigações aqui propostas é a comparação do desempenho acadêmico entre os grupos, visto que maioria dos alunos não bolsistas estudou em escolas consideradas melhores e podem ter maior facilidade de assimilação do conteúdo.

O acesso ao ensino superior por indivíduos pertencentes a classes sociais antes renegadas de tal possibilidade (como no caso dos bolsistas) provoca o que Bourdieu chama de “inflação de títulos”. O conceito se refere aos diplomas escolares e universitários que adquirem valor simbólico e porquanto são de grande valia no posicionamento social e na inserção no mercado de trabalho. A “democratização” do acesso às universidades, conforme explicado, faz com que os títulos (diplomas) percam alguma medida de seu potencial na distinção entre classes, de modo que a classe dominante tende a procurar novas maneiras de distinção, como a pós-graduação, por exemplo. A diferença entre os grupos estudados quanto à expectativa de posicionamento no mercado de trabalho e no espaço social após a conclusão do curso é mais um item a se atentar na presente pesquisa.

A tese “O canto da sereia” (2015) trata justamente da trajetória posterior à formatura de alunos que foram bolsistas do PROUNI em uma universidade belorizontina. O título faz menção ao ser mitológico citado por Homero, que seduz as pessoas com promessas que não podem ser cumpridas. O trabalho contesta a crença de que o acesso ao ensino superior serve como instrumento eficaz para ascensão social. (PERDIGÃO, 2015)

Perdigão usa conceitos retirados de Bourdieu (tratados acima) para explicar a estratificação social e classificar os alunos bolsistas. No entanto recorre a outro autor para denominar sua classe de estudo.

Jessé Souza cunhou o conceito de “ralé”, emprestado no título do presente trabalho, para descrever em seus próprios termos a estratificação no Brasil e suas peculiaridades. O autor adota também uma perspectiva similar à bourdiesiana, que posiciona as classes em relação aos diferentes tipos de capitais e ao *habitus*. O refinamento dessa distinção não anula o fato de que, em certa medida, o capital econômico anda em consonância com os outros capitais. Dessa forma, evitamos tratar a ralé, ou classe baixa, como uma classe apenas pobre, desprovida de bens materiais, porque o conceito utilizado vai além.

Uma classe inteira de indivíduos, não só sem capital cultural nem econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, esse é o aspecto fundamental, das condições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação. (SOUZA, 2009, p.)

O termo não é usado de forma ofensiva ou jocosa, mas como provocação que busca chamar atenção para o abandono social e político da classe (Souza, 2009).

Ao contestar o termo “nova classe média” enquanto classe surgida mediante a atuação política do governo petista (e aqui entram os discutidos projetos de “democratização” do ensino superior), o autor propõe outra divisão com a ascensão de uma classe de dentro da “ralé”. Seria, portanto, uma nova classe que se destaca na ralé mas sem ter ainda condições econômicas, morais e culturais para ser considerada classe média. A esse novo grupo dá-se o nome “batalhadores brasileiros” (SOUZA, 2010). O autor não cria uma linha distintiva entre a ralé e os batalhadores. No entanto, a delimitação conceitual é bem elucidada por Perdigão, que assim definiu:

[...] os batalhadores brasileiros, identificado por ele como sendo a nova classe trabalhadora, também fazem parte da ralé brasileira. Portanto, os batalhadores seriam, em minha perspectiva, uma espécie de elite da ralé, que, por meio de seus esforços conquistaram uma ascensão social e econômica, tendo acesso a alguns produtos e serviços típicos da classe média, entre os quais a educação de nível superior, sem, no entanto, romper os limites simbólicos do campo social que os situam na ralé (PERDIGÃO, 2015).

Segundo Souza, essa nova classe de “batalhadores” advindos da ralé vale-se do trio disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo para se reposicionar no mercado de trabalho (o que inclui o acesso ao ensino superior) e “ascender socialmente”, através do aumento de seu potencial de consumo. Apesar da possibilidade de mudança nos citados padrões, permanecem subalternos à classe dominante (Souza, 2010).

Perdigão conclui sua tese afirmando que reposicionamento da “ralé” brasileira no mercado de trabalho e consequente ascensão no espaço social por meio do acesso ao ensino superior está condicionado a um esforço muito maior do que aquele empreendido por estudantes de classe média ou alta, tanto durante o curso quanto após sua conclusão. Assim, a presente pesquisa pretende também relatar as dificuldades e barreiras impostas aos alunos bolsistas na trajetória universitária, de modo a entender como a diferença de classe social aumenta a exigência para o sucesso da “ralé” no campo acadêmico.

Outro autor relevante para o estudo proposto, que também se apropria de categorias retiradas da obra de Bourdieu, é Bernard Lahire. Como muitos dos conceitos usados em sua obra já foram lidos anteriormente, busca-se focar em suas dissidências em relação ao pensamento bourdieusiano.

Lahire contesta a matriz sociológica de Bourdieu ao afirmar que a pluralidade de experiências sociais incorporadas pelo ator em sociedades complexas e heterogêneas não pode ser entendida em generalizações como o *habitus* de classe, universalizante e durável. Propõe então uma sociologia no nível do indivíduo, em que cada um incorpora disposições próprias e plurais a partir da socialização (LAHIRE, 2002). Tais disposições incorporadas podem ser acessadas pelo ator em acordo com o contexto. Ainda que o pertencimento a classes possa servir como ferramenta empírica “as características mais singulares de um indivíduo podem ser reconstruídas apenas se forem construídas as redes sociais em que o indivíduo está inserido.” (LAHIRE, 2003, p. 335).

A crítica de Lahire à teoria de Bourdieu pode ser melhor compreendida se aplicada confrontando a visão desse sobre temas como gosto, senso estético e consumo cultural.

A fronteira entre legitimidade cultural (a alta cultura) e a ilegitimidade cultural (a subcultura, a simples diversão), não separa apenas as classes, mas também os indivíduos de uma mesma classe e as diferentes práticas e preferências culturais do mesmo indivíduo (LAHIRE, 2006, p. 332).

Nota-se que o autor assume a relevância da condicional classe para o consumo cultural, mas sem negar a alta influência de fatores circunstanciais e individuais, como o mero convívio com atores dotados de maior ou menor capital cultural. Tal interpretação abre a possibilidade de se pensar em que medida os estudantes bolsistas incorporam hábitos de consumo cultural mais comuns a alunos não bolsistas (e vice-versa) moldados pela fluidez do gosto e senso estético.

Se Bourdieu assume a existência de uma trajetória típica comum aos indivíduos de uma mesma classe social, Lahire ensina a não abordar a classe social como única ou principal fonte de distinção. Pensar os estudantes bolsistas e “tradicionais” como classes em conflito imporá a grave limitação de ignorar as nuances individuais dos integrantes de cada grupo. Não basta se dar por satisfeito em enquadrar o entrevistado como “bolsista” e daí buscar entender sua maior ou menor integração com alunos não bolsistas. Fatores individuais contam muito nesse sentido, por isso a importância de se tentar focar também nas trajetórias de cada um.

Ao estudar as “biografias sociológicas” de Heidegger e Mozart, escritas por Bourdieu e Elias respectivamente, Lahire diz preferir a segunda justamente por abordar disposições mais particulares, adquiridas pela experiência própria do compositor, sendo a relação com o pai um exemplo. Bourdieu parte de outra unidade de análise, presa à classe social e ciclos frequentados pelo filósofo. Tal comparação me parece oportuna justamente por opor o autor lido acima e o próximo a ser estudado.

A sociologia de Norbert Elias se destaca entre outras escolas teóricas por não consagrar o dualismo “indivíduo” e “sociedade” ou “agente” e

“estrutura” como objeto de estudo. O autor entende que as categorias destacadas são distintas, porém inseparáveis, de modo que o sociólogo não deve se ater a investigar a “sociedade” e sim as redes de interdependência entre indivíduos que formam uma configuração.

A utilização que hoje fazemos destes conceitos poderia levar-nos a acreditar que o indivíduo e a sociedade denotam dois objetos que existem independentemente, enquanto, na verdade, se referem a dois níveis diferentes, mas inseparáveis do mundo humano. (ELIAS, 2008, p.141)

Configuração, o conceito mais fundamental para se compreender a sociologia elisiana, seus objetos e procedimentos, é assim definido pelo próprio autor:

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores – não só por seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações, as relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrelaçado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou adversários. (ELIAS, 2001, p. 142)

Crítico contumaz de metodologias usadas em estudos que se pretendiam históricos e sociológicos, Elias quebra fronteiras entre os citados campos para estabelecer um método próprio de análise sociológica que pretende explicar a formação de configurações, pequenas ou imensas, e como essas regulam a ação de indivíduos em redes de interdependência. Para tal recorre a fontes que permitam uma análise da evolução das configurações de modo a entender as implicações cabíveis ao indivíduo interpenetrado numa rede que impõe códigos e comportamentos. Um bom exemplo é o citado pelo historiador Roger Chartier no prefácio do livro *A Sociedade de Corte*:

Estudar não um rei em particular, mas a função de rei, não a ação de um príncipe, mas a rede de pressões na qual ela está inscrita: eis, segundo Elias, o próprio princípio da análise sociológica e a especificidade primordial que a distingue fundamentalmente da abordagem histórica. (CHARTIER in ELIAS, 2001, p.7)

Outro bom exemplo está nas sintéticas palavras do próprio autor sobre sua área de atuação: “uma das questões centrais da sociologia, talvez a questão central, seja saber de que modo e por que os indivíduos estão ligados

entre si, constituindo, assim, configurações dinâmicas específicas”. (ELIAS, 2001, p.213)

Uma questão relevante no pensamento de Elias é a dos balanços de poder nas redes de interdependência que formam configurações. Ele entende que o poder, noção presente em qualquer relação humana, opera em constante disputa entre os agentes interdependentes (ELIAS, 1994). Assumindo que o conceito não deve ser lido segundo alguns significados atribuídos à palavra, diz o autor:

A névoa de medo e desconfiança que se apega a este conceito transfere-se compreensivelmente para a sua utilização numa teoria científica. Podemos dizer que alguém <<tem>> poder e ficarmos por aí, embora tal utilização, que implica tomar o poder por uma coisa, nos conduza a um beco sem saída. Uma solução mais adequada para os problemas de poder seria considerarmos este, de um modo inequívoco, como sendo uma característica estrutural de uma relação, que a penetra totalmente: como característica estrutural que é, não é boa nem má. Pode mesmo ser boa e má. Dependemos dos outros; os outros dependem de nós. Na medida em que somos mais dependentes dos outros do que eles são de nós, em que somos mais dirigidos pelos outros do que eles são por nós, estes tem poder sobre nós, quer nos tenhamos tornado dependentes deles pela utilização que fizeram da força bruta ou pela necessidade que tínhamos de ser amados, pela necessidade de dinheiro, de cura, de estatuto, de uma carreira ou simplesmente de estímulo. (ELIAS, 2008, p.101)

Em diversos momentos em sua obra Elias apresenta métodos e conceitos oriundos das ciências da natureza, seja para criticar a apropriação inadequada desses pelas ciências sociais ou para ilustrar e embasar sua própria teoria. Um exemplo é o conceito de valência, tomado emprestado da Química e que se refere à capacidade ou possibilidade de átomos se ligarem para constituir moléculas. Daí sua máxima que preconiza que a sociologia deve evitar o “atomismo” e estudar como se forma a molécula. Nesse contexto, a valência é como um elo (existente ou potencial) que liga indivíduos interdependentes em determinada configuração. (ELIAS, 2008)

Vale ressaltar que as valências não interligam indivíduos apenas de modo direto, como em relações pessoais mediadas por encontros físicos, mas também por ligações políticas, econômicas e simbólicas entre alguns exemplos. Sobre a última me parece interessante uma reflexão sobre símbolos representativos da Faculdade, como o mascote, a bandeira e os nomes da bateria e da torcida, que alimentam o “mito” da faculdade dos ricos e acabavam

por aumentar a coesão social do corpo discente, ao menos na época em que lá estudei.

Elias utiliza a metáfora do jogo como modelo didático que ajuda a compreender as relações sociais, indo desde uma competição primária (indivíduos ou grupos que competem por algo sem qualquer regramento) até modelos de jogos muito complexos e estratificados que posicionam jogadores em diferentes níveis.

Utilizando a imagem de participantes dum jogo como metáfora das pessoas que formam as sociedades, é mais fácil repensar as ideias estáticas que se associam à maior parte dos conceitos correntes usados nesse contexto. Elas deverão transformar-se nos conceitos muito mais versáteis de que necessitamos, se queremos melhorar o equipamento mental com que tentamos resolver os problemas da sociologia. Só precisamos de comparar as possibilidades imaginativas de conceitos tão estáticos como o de indivíduo e sociedade, ou de ego e sistema, com as possibilidades imaginativas abertas pelo uso metafórico de várias imagens de jogos e de jogadores; a comparação ajuda a compreender que esses modelos serviram para desenvolver nossas potências imaginativas. (ELIAS, 2008, p.100)

O modelo dos jogos serve também como alegoria para elucidar os balanços de poder em determinada configuração. A acepção mais comum do termo renega a natureza polimorfa de suas origens, buscando simplificações para um conceito complexo – o poder militar por exemplo. Entender o jogo é perceber que os atores estão sujeitos à coerção (por mínima que seja) dentro das obrigações impostas pela interdependência, até mesmo em relações em que não existe grande disparidade de poder. Os balanços não são estáticos, estão em constante negociação entre os agentes, mas é importante destacar que equilíbrio de poder é muito diferente de igualdade de poder. O equilíbrio instável do poder pode ser um gerador de tensões dentro da configuração, como Elias narra em seu livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*.

Dois conceitos importantes na obra elisiana dizem respeito a processos recíprocos que se entrelaçam apesar de ocorrer em dimensões distintas:

A teoria dos processos de civilização proposta por Elias, baseia-se na defesa de que, toda e qualquer transformação ocorrida na estrutura da personalidade do ser individual (psicogênese), produz uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo está inserido. Da mesma maneira, as diversas transformações que

ocorrem constantemente nas estruturas das sociedades (sociogênese), especialmente nas relações sociais, produzem alterações nas estruturas de personalidades dos seres individuais que a compõem. (BRANDÃO, 2000, pp.10-11)

O processo civilizador seria aquele de longo prazo e notado historicamente em todas as sociedades (não de formas ou em tempos iguais), em que se impõem transformações na conduta e nos sentimentos dos indivíduos interdependentes através do controle social imposto por restrições externas que são absorvidas e convertidas em autocontrole. Instintos e pulsões dão lugar a vergonha e ao receio, como diz Elias: "tornar mais íntima todas as funções corporais, a encerrá-las em enclaves particulares, a colocá-las atrás de portas fechadas" (ELIAS, 1990, p.188)

Entre outros exemplos, citemos a formação da consciência moral, das modalidades de controle das pulsões e afetos numa dada civilização, ou o dinheiro ou o tempo. A cada um deles correspondem maneiras pessoais de agir e sentir, um *habitus* social que o indivíduo compartilha com outros e que se integra na estrutura de sua personalidade (...). (ELIAS, 1998, p. 19)

Nota-se o uso do termo *habitus*, também consagrado por Bourdieu. Conforme leitura anterior, esse concebe o conceito como uma disposição durável, ao passo que Elias foca na fluidez das disposições adquiridas pela sociabilidade, em constante negociação.

Toma-se um dos grandes clássicos entre os estudos sociológicos da diferenciação e estratificação social, *Os Estabelecidos e os Outsiders*, escrito em parceria com John Scotson. A rigorosa análise dos balanços de poder que permeiam as relações entre os moradores de Winston Parva demonstra que o tempo de estabelecimento na cidade serve como fator de diferenciação entre os habitantes de cada bairro. Assim, o grupo residente nos bairros 1 e 2, mais antigos, goza de uma maior coesão grupal que permite estigmatizar os moradores do bairro 3.

A compreensão de uma figuração passa pela análise histórica dos balanços de poder em uma rede de interdependência. Por tal perspectiva espera-se entender os mecanismos que moldam a dinâmica de diferenciação entre bolsistas e não bolsistas. Parto de uma impressão própria enquanto observador para estabelecer a comparação entre os alunos e os estabelecidos e *outsiders* do livro. Essa hipótese prévia pode ser desmentida pela inserção

em campo alguns anos após minha primeira passagem pela Faculdade, como se discutirá adiante. Independente do que digam os dados a obra em tela é de grande valia para abordar estratégias de distinção e estigmatização e confere valioso aporte metodológico.

Se no livro o tempo de residência em Winston Parva emerge como fator historicamente configurado de diferenciação entre estabelecidos e outsiders, toma-se a questão para a análise das interações entre bolsistas e não bolsistas. Se possível a distinção em grupos, quais fatores se destacariam? Segundo o autor é comum que grupos dotados de maior poder busquem se diferenciar dentro da configuração. Os parâmetros de diferenciação podem ser de diversas naturezas, como racial, de gênero, material, religiosa, regional, entre Estados e diversos outros.

Outro ponto que o autor aborda é a estratégia do grupo estabelecido para manter os balanços de poder favoráveis. O bairro 3 de Winston Parva foi erguido sobre um solo pantanoso alguns anos após o surgimento da cidade. O próprio local em que se instalou já provocava comentários do grupo estabelecido, que o considerava impróprio para moradia. Além disso, o tempo de estabelecimento no município permitia que os moradores dos bairros 1 e 2 se conhecessem de longa data. Muitos eram inclusive parentes, fosse de grau mais próximo ou distante. Mesmo após a chegada dos *outsiders* os casamentos consumados mantinham a segregação entre os grupos. Os estabelecidos ocupavam também a maior parte das posições de poder político e mantinham associações e clubes restritos. Todos esses fatos colaboram com a coesão do grupo que habitava a chamada “aldeia” (o terreno habitado pelos *outsiders* era chamado de “loteamento” pelos “aldeões”).

As fofocas merecem atenção especial nas dinâmicas de sociabilidade em Winston Parva. Como as relações interpessoais de membros do grupo estabelecido eram mais próximas, as fofocas se espalhavam com enorme facilidade e velocidade. Entre eles era usual a propagação de fofocas elogiosas (*pride gossip*) ao passo que dirigiam fofocas depreciativas (*blame gossip*) para os moradores do loteamento. Essas se caracterizavam pela

generalização *pars pro toto*, ou parte para o todo, que toma os exemplos mais negativos de um grupo e os torna regra geral para todos seus componentes. Em minha época na Faculdade eram frequentes fofocas que depreciavam alunos bolsistas, especialmente por aparência e vestuário. A investigação presente pretende averiguar se tal situação se mantém.

Por fim, vale mencionar o que o autor chama de sociodinâmica da estigmatização, ou as condições em que um grupo consegue lançar estigmas sobre outro. No caso da interação entre estabelecidos e *outsiders*, os primeiros, por serem dotados de maior coesão grupal, encontram situação favorável nos balanços de poder, o que os confere autoridade para estigmatizar os *outsiders* e até fazê-los reconhecer sua suposta inferioridade. O reconhecimento do estigma pelo *outsider* acaba por influenciar a psicogênese individual desse. (ELIAS, 1994)

A análise de dados alertou para o fato de que a renda e a posse de capitais imateriais se somavam a outras variáveis como raça e gênero enquanto influência na sociabilidade entre indivíduos pertencentes aos grupos em tela. Assim, outro foco teórico de suma importância para a discussão é a interseccionalidade

A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

O uso do conceito é cabível em razão da existência de experiências específicas de subordinação que vão além daqueles infringidas por categorias tradicionais, como as já citadas. Crenshaw demonstra como é difícil identificar a opressão interseccional em um contexto social onde forças econômicas e culturais atuam discretamente de modo a posicionar agentes em uma posição subalterna: Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da

vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo (estrutural) é, muitas vezes, invisível. O efeito disso é que somente o aspecto mais imediato da discriminação é percebido, enquanto a estrutura que coloca alguns agentes na posição de receber tal subordinação permanece obscurecida. Como resultado, a discriminação em questão poderia ser vista simplesmente como sexista (se existir uma estrutura racial como pano de fundo) ou racista (se existir uma estrutura de gênero como pano de fundo). Para compreender a discriminação como um problema interseccional, as dimensões raciais ou de gênero, que são parte da estrutura, teriam de ser colocadas em primeiro plano, como fatores que contribuem para a produção da subordinação. (CRENSHAW, 2002).

A analogia da intersecção torna mais fácil o entendimento do conceito. Deve-se pensar na existência abstrata de eixos de poder como raça, etnia, classe social e gênero como se fossem ruas que permeiam o espaço social, econômico e político. Através delas se movem as estruturas de subordinação. Essas ruas são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. No entanto, tais sistemas frequentemente se sobrepõem, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. (CRENSHAW, 2002).

Tal reflexão serve de alerta para que a pesquisa considere que alguns estudantes podem lidar com somas de fatores de discriminação, o que torna as categorias trabalhadas – bolsistas e não bolsistas – insuficientes para expressar a complexidade do posicionamento de indivíduos no espaço social estudado. Dessa forma as categorias servem como alegoria de uma distinção primária e óbvia dentro do corpo discente, mas a pesquisa pretende explicitar fatores sociais e individuais que influenciam as dinâmicas de sociabilidade na Faculdade.

3 METODOLOGIA

Como previamente abordado, a ideia da presente pesquisa surgiu alguns anos atrás enquanto frequentava a Faculdade e me atentava às dinâmicas de sociabilidade no corpo discente que, a meu ver, dividiam os alunos em grupos de afinidade associados à condição de bolsista.

O fato de já ter frequentado o campo de estudo na posição de aluno me garante como vantagem uma inserção facilitada no ambiente de pesquisa. O bom relacionamento com funcionários abre portas e evita situações como a narrada por Whyte em *Sociedade de Esquina*, quando o autor quase foi agredido por sua abordagem desajeitada de um trio de amigos com o qual puxou conversa querendo se enturmar para iniciar seu estudo (Whyte, 2005). No entanto, assumo a dificuldade em superar concepções prévias advindas da observação vulgar e sem critério da presença diária anterior. Por óbvio a faceta pessoal sempre estará "... inextricavelmente associada a sua pesquisa." (Whyte, 2005), mas confio que a nova imersão, com novas motivações, me deixa aberto para superar eventuais pré-conceitos, como relato adiante.

O trabalho realizado é semelhante ao que se convém chamar de etnografia, por ter como escopo o contato do autor com o grupo social estudado através de um trabalho de campo em que observei, anotei, entrevistei e convivi com o objeto de pesquisa. Mantive visitas à Faculdade durante mais de um ano, mas não creio que essa frequência me permita chamar esse escrito de etnografia já que o termo costuma designar imersões em campo mais longas e constantes. Refiro-me aqui como um trabalho de campo com toques de pesquisa etnográfica.

Uma ferramenta metodológica essencial para se analisar as interações sociais entre alunos bolsistas e não bolsistas é a observação participante, potencializada pela oportunidade de convívio físico entre pesquisador e a população investigada, já que "... dá acesso a uma ampla gama de dados, inclusive os tipos de dados cuja existência o investigador pode

não ter previsto no momento em que começou a estudar.”. (BECKER, 1997, p. 34)

Em um primeiro momento abordei a distinção entre os grupos em aplicativos de conversa que reúnem alguns colegas contemporâneos, para verificar se tinham a mesma impressão que eu sobre as relações sociais na Faculdade. Passo seguinte realizei entrevistas semiestruturadas com alguns desses, de modo a tentar recontar as experiências deles quanto à diferenciação entre grupos. O resultado se encontra na próxima sessão. Acredito que tal procedimento contribuiu para “afiar” a “veia de entrevistador”, já que serviu para identificar pontos relevantes a serem abordados, atentar para possíveis questões sensíveis para os entrevistados e ainda aumentar a confiança do entrevistador em abordar os temas propostos. Como aponta Bertaux:

Ademais, a medida que for dominando o campo vai melhorando progressivamente sua capacidade de fazer entrevistas. Mediante esse domínio aprende-se a escutar, impulsionar a conversa quando necessário, a ouvir e compreender as palavras do outro, a dominar seus impulsos e fazer a pergunta oportuna no momento oportuno. (Bertaux, 2005, p. 57 – tradução livre do autor)

A impressão de que os alunos se dividiam de modo a formar grupos de afinidade que coincidiam com a forma de cobrança de mensalidades era talvez a única hipótese que tinha ao iniciar o trabalho de campo. Assim, é seguro afirmar que a coleta de dados também guiou a pesquisa, “em contraste com teoria gerada por dedução lógica de pressupostos *a priori*.” (Glaser, Straus, 2006, p. 03 – tradução livre do autor). Nesse viés, tomei importantes lições da teoria fundamentada, ou *grounded theory*, que incentiva a criação de teorias sociais a partir da coleta anterior de dados. “O tema básico do nosso livro é a descoberta de teoria a partir de dados sistematicamente obtidos de pesquisa social.” (Glaser, Straus, 2006, p. 2 – tradução livre do autor).

Essa abordagem metodológica guarda semelhanças com as técnicas de investigação etnosociológica propostas por Daniel Bertaux, que vislumbram a formação de um corpo de hipóteses plausíveis posterior ao estudo empírico.

O processo etnosociológico, ao contrário do hipotético-dedutivo, que estabelece primeiramente certas hipóteses em função da teoria existente e depois inicia um estudo empírico para verificação, consiste em indagar sobre um fragmento da realidade social-histórica de que não se sabe muita coisa *a priori*. O que o investigador crê saber de antemão sobre o tema dá muitas vezes a impressão de pertencer à ordem dos estereótipos, preconceitos e outras representações coletivas carregadas de juízo moral que circulam no senso comum; e a possibilidade de discutir e levar ao espaço público certos elementos de conhecimento objetivo baseados na observação concreta é precisamente uma das virtudes desse tipo de investigação. Suas técnicas de observação não buscam tanto verificar as hipóteses estabelecidas *a priori* mas compreender o funcionamento interno do objeto de estudo e elaborar um modelo de funcionamento desse, em forma de um corpo de hipóteses plausíveis. (Bertaux, 2005, p. 21 – tradução livre do autor).

Como dito antes, uma preocupação que permeou parte do trabalho era exatamente o possível efeito dos preconceitos e estereótipos adquiridos na passagem como aluno, mas não demorei a perceber a Faculdade como fragmento de uma realidade social-histórica diferente da anterior. O campo moldou novas impressões que me atentaram para as novas dinâmicas sociais entre o corpo discente e esfacelou algumas das minhas concepções prévias.

Mas pensar em estereótipos era fundamental para a pesquisa. Algumas respostas em entrevista acabam por apontar diversas características que não se adequam a indivíduos específicos e sim a um estereótipo imaginado do integrante de cada grupo. O próprio pesquisador, em alguns momentos, foi guiado por essa imagem idealizada na escolha de entrevistados para conversar. Tal abordagem consiste na elaboração de tipos ideais como ferramenta metodológica na pesquisa social, conforme proposto por Weber e aprofundado por Dominique Schnapper (2000).

O tipo ideal é um quadro simplificado e esquematizado do objeto de pesquisa com o qual a observação sistemática do real - captado pela pesquisa cujos procedimentos utilizam indiferentemente ou sucessivamente ou mesmo concorrentemente, métodos ditos qualitativos ou quantitativos – deve ser confrontada. (SCHNAPPER, 2000, p.239/240)

Já em campo observava e interagia com diversos frequentadores do local, fossem alunos, professores ou funcionários, sempre fazendo anotações e constando conversas informais, como sugere Whyte. (2005)

Nesse sentido, viver e conviver com os universos pesquisados, participando de suas dificuldades e dramas, por períodos de tempo mais extensos, representava, de saída, um esforço para não ficar preso ao senso comum, estereótipos e preconceitos, estudando situações em que matizes, ambiguidades e contradições são características inescapáveis. (VELHO in WHYTE, 2005. P. 13)

Realizei algumas entrevistas semiestruturadas com alunos a partir de um roteiro que aborda pontos como: beneficiário ou não de bolsa de estudo; a trajetória anterior dos alunos no âmbito escolar (pública ou privada); origem socioeconômica (atividade econômica dos pais); as condições de ingresso na faculdade (vestibular, ENEM); os motivos para estudar direito na instituição em comento; possíveis dificuldades enfrentadas no início do curso (conteúdo acadêmico, amizades); se conhecia previamente algum dos colegas de turma; dificuldades enfrentadas durante o curso (tempo, dinheiro, família); a possibilidade de distinção entre alunos bolsistas e não bolsistas; os critérios de distinção; as relações entre os grupos; diferenças no consumo cultural de cada grupo; possíveis táticas para melhor integração social; influência de demarcadores sociais como raça, gênero, religião e renda na sociabilidade; possíveis conflitos vividos em razão da diferenciação entre os grupos; participação em eventos sociais fora da Faculdade; impressões sobre as músicas cantadas nos Jogos Jurídicos e o “mito” da instituição. Além disso, convidei cada entrevistado a se apresentar (idade, gênero, raça autodeclarada e eventualmente profissão) e pedi para que cada um indicasse dentre as pessoas com quem mais convivem na Faculdade aqueles que sabiam serem bolsistas.

Ao início de cada entrevista me preocupava em não expor a diferenciação de grupos como objeto, de modo a evitar vieses na resposta. Anunciava a pesquisa sobre convívio com colegas e buscava deixar as perguntas mais “sensíveis” (em acordo com minha própria experiência) para o final.

Funcionários da Faculdade também foram perguntados sobre possíveis critérios de distinção, assim como os professores, que também foram questionados sobre o rendimento acadêmico dos alunos considerando os grupos concebidos.

Imediatamente o roteiro mostrou-se insuficiente diante da complexidade de questões que surgiam a partir dos questionamentos propostos. Cada resposta trazia novas possibilidades, que eram imediatamente abordadas. Em momentos, as respostas dos entrevistados passaram a guiar a entrevista. Convenci-me da necessidade de manter essa fluidez ao invés de seguir um roteiro rígido. Inclusive cheguei a procurar antigos entrevistados para coletar dados a partir de situações descritas que não estavam a princípio no roteiro semiestruturado. O contato estabelecido ajudou nesse ponto, já que o pesquisador se fez presente constantemente e pôde obter dados a partir da observação, de conversas informais ou mesmo criando novos roteiros conforme as descobertas se desvelam.

Em diversos momentos o interesse de alguns entrevistados em conversar a respeito da distinção os levava a convidar amigos para participar da discussão. Alguns dos melhores comentários extraídos, a serem transcritos a seguir, vieram de conversas com grupos de estudantes que formavam rodas de conversa tomadas pelo assunto pesquisado. Nessas ocasiões percebiam-se discordâncias radicais entre pontos de vista quanto à distinção e defesas efusivas de impressões dissonantes entre integrantes de cada grupo. Nesse ponto, espero não ter influenciado qualquer rixa entre amigos.

Outro aspecto que considero ter contribuído para o relativo sucesso da experiência em campo foi a boa vontade e a ajuda de alguns entrevistados, que além de responder as perguntas me indicaram outros possíveis alunos que poderiam contribuir e até me deram dicas relevantes sobre aspectos das dinâmicas de sociabilidade a que ainda não tinha me atentado. Lembro-me de “Doc”, o informante que ajudou Whyte (2005) em sua imersão em campo apresentando-lhe indivíduos importantes para a pesquisa, garantindo seu acesso a grupos relativamente fechados e o livrando de enrascadas como a descrita acima, em que o pesquisador pode ser reprimido por não entender bem as dinâmicas do campo. A esses alunos que tanto me ajudaram, minha gratidão.

O próprio campo guiou o número de entrevistas realizadas, trinta. A amostra estudada contempla a diversidade de categorias como bolsistas

integrais, bolsistas parciais e alunos que não são beneficiados por bolsa, bem como variedade de gênero, raça, estado civil, idade e período de estudo (diurno ou noturno). Tais dados foram colhidos e sistematizados em forma de esquema, o que possibilitou a comparação de opiniões sobre a diferenciação entre os grupos destacando alguns depoimentos dos entrevistados.

Somam-se às entrevistas diversas anotações próprias que mantive em um caderno que chamei de diário de campo. Dele apresento minhas próprias impressões sobre fatos que presenciei e algumas reflexões maturadas durante a experiência quase etnográfica.

Outro ponto de valia encontrado no trabalho de Norbert Elias é a estima pelo método escolhido para desenvolver a pesquisa aqui proposta. Ainda que utilize também de análises quantitativas e dados estatísticos, Elias o faz assumindo a fragilidade do uso exclusivo dessa metodologia e ainda critica os sociólogos que o fazem:

é frequente se conceituarem os métodos sociológicos como se o único processo cientificamente fidedigno e legítimo fosse a análise estatística. (...) O empobrecimento da sociologia como ciência resultou da avaliação vigente dos métodos sociológicos – do pressuposto de que basta usar métodos estatísticos para obter respostas fidedignas aos problemas sociológicos – é bastante óbvio. (ELIAS, 2000, p. 56 e 57)

Passo contrário, exalta-se a investigação por observação e entrevistas “Sem o uso das palavras como instrumentos de pesquisa, os números ficam mudos.” (ELIAS, 2000, p. 59) e a combinação de metodologias quantitativas e qualitativas:

Ainda não é parte integrante da formação dos sociólogos aprender a observar e conceituar sistematicamente o modo como os indivíduos se agregam, como e por que eles formam entre si uma dada configuração ou como e por que as configurações assim formadas se modificam e, em alguns casos, se desenvolvem. No entanto, só é possível superar as limitações das pesquisas sociológicas centradas em métodos estatísticos quando os pesquisadores treinados para discernir e manipular fatores ou variáveis isolados aliam-se (ou têm, eles próprios, essa qualificação) a pesquisadores formados para discernir e, ao menos conceitualmente, manipular as configurações como tais – especializados tanto na sinopse quanto na análise precisa. (ELIAS, 2000, p. 57)

Embora se reconheça a importância da combinação de abordagens metodológicas distintas o trabalho que se apresenta não tem

qualquer pretensão de embasar conclusões em amostras significativas das populações estudadas, mas se propõe a apresentar interpretações das dinâmicas sociais a partir de um trabalho de campo que contempla a observação participante e entrevistas com os pesquisados.

Compreender as dinâmicas de diferenciação entre os grupos estudados prescinde ainda de densas descrições do ambiente e das experiências dos frequentadores. Tal fato traz à tona um conflito caro às ciências humanas, as fronteiras de cada disciplina. Enquadrar e classificar o presente estudo não é uma prioridade. O dilema das fronteiras de cada matéria foi abordado por Loic Wacquant em seu clássico estudo sobre um *gym* de boxe estadunidense. O autor relata a oferta de publicação de seu trabalho por uma grande editora que pretendia enquadrá-lo como “romance”. No entanto a junção de gêneros científico-acadêmicos traz benesses que devem ser aproveitadas no estudo dos alunos da Faculdade.

A junção desses gêneros habitualmente segregados – sociologia, etnografia e reportagem -, tem como finalidade permitir que o leitor perceba melhor as coisas do pugilismo “no concreto, como elas são”, e a ver os boxeadores em movimento, “como, na mecânica, vêem-se as massas e os sistemas, ou como, no mar, vemos polvos e anêmonas”. Percebemos inúmeros homens, forças móveis que flutuam no seu meio e em seus sentimentos. (WACQUANT, 2002, p. 24)

Por fim, o trabalho não poderia se completar sem a revisão bibliográfica apresentada, que privilegia temas como estratificação social, teorias de classes e socialização de indivíduos pertencentes a classes sociais distintas. Essa etapa foi fundamental para possibilitar o embasamento teórico do estudo do caso específico da Faculdade.

4 A FACULDADE DO MEU TEMPO

Iniciei a investigação buscando comparar minha experiência e impressões sobre a diferenciação com colegas contemporâneos. Em um aplicativo de conversas por celular perguntei em três grupos de ex-estudantes sobre a possibilidade de distinguir o corpo discente em acordo com os parâmetros estabelecidos. Algumas respostas surpreenderam, evidenciando a não percepção de divisões simbólicas por parte de alguns: “Tinham alunos bolsistas lá?”; “Nunca reparei.”. Outro afirmou haver uma clara divisão: “Para né galera! Altos milionários na facul, de carro importado e roupa cara, e uma galera muito diferente e vocês vão dizer que não reparavam?”; assim respondido. “É, mas o fato de você ficar reparando roupa só revela seus interesses né? Eu nunca reparei nisso.” Daí uma revelação. Um dos integrantes de um grupo assume que era bolsista, informação desconhecida pelos outros membros. Ele completa “Claro que é fácil distinguir bolsista e não bolsista. Talvez não para vocês, que estão acostumados a ver menina com bolsa de 5k dando rolê na faculdade. Pra quem não vem dessa realidade, é muito fácil distinguir.”.

Decido aprofundar o diálogo com alguns amigos cuja condição enquanto estudante era previamente conhecida por mim. Nessa etapa conversei com amigos não beneficiários de bolsa e bolsistas parciais e integrais.

Os alunos não bolsistas se mostraram mais hesitantes em apontar a distinção dos grupos. Um deles negou expressamente, afirmando desconhecer a concessão de bolsas para seus colegas. “Nem sabia que tinha “cota” na Faculdade” foi uma das respostas registradas. Confrontado sobre a existência de alunos “fora do padrão” de sua classe, seguindo algumas características distintivas citadas por colegas bolsistas, obtive a seguinte resposta: “é, agora que você falou, realmente, tinha alguns alunos um pouco diferentes.”. Outro disse “Só sei que tem bolsista aqui porque tenho um amigo que me contou.” e “não vejo nenhuma diferença entre os alunos”. Pouco após,

esse comentou: “A galera bolsista se excluía, muitos nem saiam da sala no intervalo.”.

Claro que um bolsista jamais poderia negar saber da existência dos programas, mas todos foram enfáticos em afirmar a facilidade de distinguir membros de cada grupo. Fatores de distinção apontados em mais de uma conversa foram raça, vestuário, nomes, aparência e a posse de veículo automotor.

A raça foi uma característica distintiva citada por todos os bolsistas integrais entrevistados. Dois deles, declarados negros, apontaram para uma enorme chance de que todos os negros e pardos da faculdade sejam bolsistas. Alunos não bolsistas até negaram a relevância de tal característica na diferenciação entre os grupos: “ninguém lá tava nem aí se você é branco, preto ou rosa.” foi uma resposta. Indagado sobre o racismo implícito no verso de uma música que embalava os Jogos Jurídicos “seu cabelo é uma merda, vou passar um Mon Bijou”, respondeu: “Cabelo ruim ou bom não tem nada a ver com cor da pele, mas com cuidado e higiene.”.

Pedro¹¹, bolsista integral negro, ofereceu as seguintes impressões sobre sua trajetória na faculdade:

“Fui bolsista 50% do PROUNI, mas a outra metade da mensalidade era bancada por outro programa, vinculado à ação social de um colégio de Belo Horizonte. Comecei a fazer direito em outra faculdade, que aceitava muitos bolsistas e tinha uma média mais baixa de renda entre os alunos. Decidi mudar porque a Faculdade tinha renome, aceitação no mercado e aceitou minhas bolsas. Na faculdade anterior eu me sentia em casa, mas quando troquei senti na pele o que era abismo social. Eu não frequentava a zona sul e quando me dei conta do abismo de classes comecei a chorar todos os dias quando voltava das aulas. Foi vendo colegas de carrão, motorista, segurança que percebi como a banda toca. Fui vítima de racismo aberto. Desde as pichações nos banheiros do tipo “cuidado com o negro do seu lado” até um enfrentamento real com uma skinhead. Entrei com um processo administrativo contra ela, os pais dela até foram na Faculdade me pedir para desistir, mas fui até o ponto em que a saída dela foi sugerida pela direção, senão seria expulsa. Até meus poucos amigos eram vítimas de preconceito e ouviam coisas tipo: “como você tem coragem de andar com ele, isso vai dar problema”. Esfregam na minha cara o racismo estrutural que existe. Estudei a noite e era o único negro da Faculdade, acho que de

¹¹ Nome fictício. Todos os nomes usados adiante serão modificados para manter o anonimato dos entrevistados.

manhã tinha só mais um. A experiência na Faculdade foi muito penosa.”

Diogo, bolsista parcial, relatou suas conversas com um bolsista integral negro que dizia sofrer preconceito: “Ele não sabia se era por causa da raça ou da idade, mas não entrosava com ninguém e sempre reclamava do preconceito dos alunos”.

Renata única bolsista integral que se declarou branca dentre os entrevistados, ofereceu um interessante relato do que chamou de “racismo ao avesso”. Vale apontar também que a entrevistada parece construir uma espécie de “tipo ideal” do aluno bolsista, do qual ela destoa por ser branca e se “vestir bem”.

“Quando implementaram essas bolsas o pessoal tinha muito medo de que o nível da faculdade fosse abaixar, porque iam entrar alunos que vinham de escolas públicas e que não eram tão educados quanto os outros alunos. Mas depois viram que isso era mentira e a gente tirava as melhores notas. Só que acontecia uma coisa que era tipo um racismo ao avesso. Todo mundo tinha muita paciência com os bolsistas sabe, os outros alunos ajudavam, os professores faziam de tudo para ajudar também. Só que eu não tinha o exato perfil do bolsista sabe, porque eu sou branca, porque eu tinha conseguido um estágio muito bom e comprava umas roupas melhores. Aí, comigo, o povo não tinha essa atenção toda que tinha com outros bolsistas. Uma vez até me denunciaram, porque falaram na secretaria que eu não era pobre o suficiente para ter bolsa, já que tinha comprado um carro, me vestia bem e tal. Chegaram a afirmar que eu estava roubando o governo. Mas fizeram um estudo socioeconômico, tive que mostrar tudo que eu tinha e provar que tava tudo certo, que eu podia ter a bolsa”. (Renata)

A unanimidade dentre os fatores de diferenciação indicados foi o vestuário. Todos os ex-alunos citaram tal questão ao admitir a distinção dos grupos. Como Bourdieu atentava, as roupas são um importante demarcador social de classe. Chama atenção, no entanto, uma diferença na forma com que integrantes de cada grupo abordam tal questão. Dois entrevistados, bolsistas integrais, afirmaram que a distinção se via no fato dos não bolsistas “se vestirem melhor”. Bolsistas parciais e não bolsistas apontaram para os fatores preço e *status* das vestimentas, sem juízo de valor quanto ao gosto. “Principalmente as não bolsistas usam roupas caras”, “A gente que é bolsista em geral se veste mais simples” e “as meninas só usam grife” foram algumas das respostas colhidas. Nas palavras de Pedro:

“Era muito fácil distinguir quem era pobre e rico, bolsista ou não. Dava para ver na pele, e não tô falando só de cor, mas questão de alimentação, saúde, dá para ver que a vida foi diferente,”

Ainda sobre o tema, Luiz afirmou:

“Já ouvi meninas fazendo piada com meu jeito de se vestir, e meu maior esforço por aceitação foi financeiro, de ir em alguns lugares e comprar algumas roupas, tênis, coisas de marca. E nunca liguei para marca na minha vida, mas ali me sentia um pouco socialmente coagido.”

Todos os bolsistas integrais colocaram outros bolsistas entre seus três melhores amigos da faculdade, o que talvez corrobore com minha hipótese de que, ao menos naquele momento, existia certa segregação entre os grupos. Indagada se havia alguma razão pela qual acreditava se relacionar melhor com outros bolsistas, Renata respondeu

“Acredito que sim, a maior afinidade em relação à realidade que vivíamos com toda certeza aproximou os alunos bolsistas, principalmente em relação à realidade socioeconômica, ainda mais diante da enorme discrepância desta realidade na faculdade, que é frequentada por pessoas de classe média alta em sua maioria. Talvez tal diferença não seja tão evidente em outras instituições.”

Apenas um dos bolsistas parciais colocou outro bolsista entre os três melhores amigos citados. Todos os outros indicaram colegas não bolsistas ou afirmaram desconhecer tal informação. Os dados colhidos criam a impressão de que bolsistas parciais tem maior facilidade de integração com alunos não bolsistas em relação aos beneficiários integrais. Dois casos chamam atenção.

“O único que sabe que eu tenho bolsa é um amigo que também é bolsista e estudou na mesma escola que eu. Da galera que eu ando ninguém sabe. Eles sabem que eu tenho menos grana, tipo, ninguém conhece meu bairro. Eu acho isso engraçado e sempre tratei com bom humor. Tanto que a galera zoa, me chama de zona noroeste. Acho que a personalidade zoeira me ajuda muito a me dar bem com essa galera mais boy, mas eu entendo quem não consegue. É outro universo, muito diferente. Eventualmente você vai escutar uma merda, mas não vai ligar e vai seguir. Eu não ia em todas as festas, nas boates. Mas quando ia, ficava a vontade. O maior esforço que fiz para integrar com essa galera foi ir nos rolês. Fosse pelo preço, fosse pelo estilo. Gostava de outros rolês, mas ia.” (Vitor, bolsista parcial)

“Ah, eu sempre fui muito despachado, então pra mim foi de boa integrar com a galera. Todo mundo muito gente boa, até os mais ricos. Eu me dou bem com todo mundo. Saio com a Silvinha que é bolsista e com a Paloma que é milionária. Claro, as vezes rola umas situações meio chatas, por exemplo, já vi gente falar da minha roupa, mas eu não tô nem aí. A única coisa que fiz de excepcional pra poder

tá com a galera foi pagar caro em balada. Fora isso sou eu mesmo, não mudei nada. Se mudei foi inconsciente.” (Diogo, bolsista parcial)

Ambos afirmam a importância da “personalidade” na melhor integração com os alunos não bolsistas. O fazem a frente de qualquer característica distintiva que pertença ao domínio das classes sociais. Ainda, o gasto além da possibilidade financeira em saídas e baladas parece emergir como eficiente tática de constituição de fachada para os bolsistas que desejam acesso aos grupos compostos majoritariamente por não bolsistas. Outro ponto a se notar nos relatos supracitados é que os entrevistados escondem sua condição de bolsista dos colegas. Nesse sentido, em conversa com Pedro, um ex-integrante do diretório acadêmico que fez questão de ressaltar sua iniciativa de prover acesso aos colegas bolsistas e sabendo que o D.A. oferecia gratuidade em alguns eventos para alunos bolsistas, me surpreendeu saber que tal iniciativa tem baixa adesão. Um percentual ínfimo de estudantes o faz.

Diogo contou sobre um incidente considerado mais grave e que lhe fez repensar algumas de suas relações na Faculdade:

“Já andei em todas as classes sociais, até dormir em favela já dormi. Separação em grupos é normal, mas na Faculdade passa do limite, ela é toda separada em panelinhas, coisa mais elitista, e fica um pessoal meio sem lugar. Uma das coisas que me arrependo lá foi quando vi nosso colega José destratando uma garçonete no bar lá do lado. Ele foi muito grosseiro e elitista, e aquilo me fez mal. Hoje me arrependo de não ter feito nada, mas era primeiro período e eu tava começando a me aproximar da galera, não queria perder prestígio. Mas no meu meio social isso não seria admitido.”

O fator idade foi citado por dois alunos bolsistas como impeditivo de melhor relação com não bolsistas. Eram os dois mais velhos dentre os entrevistados, cuja idade destoava um pouco da média geral. “Não tinha mais idade para sair com o pessoal”. Respondeu Leandro.

Nenhum ex-estudante bolsista integral disse ter se beneficiado de redes sociais ou contatos adquiridos durante o curso. Dentre os parciais, Vítor ainda trabalha com colegas da Faculdade. Todos os entrevistados se tornaram advogados.

Outro ponto que se mostrou divergente entre alunos dos diferentes grupos é a opinião em relação aos programas de democratização do

ensino superior. Dois ex-estudantes não bolsistas se declaram contra qualquer política de cotas “tem é que melhorar o ensino público fundamental”, mas favoráveis à concessão de bolsas por critérios socioeconômicos (jamais raciais). Justificam a brincadeira com alunos rivais da Federal por considerarem que não existe mérito no ingresso de um aluno por reserva de vaga, o que ainda deve contribuir para o decréscimo na qualidade de ensino “Já erámos uma faculdade melhor, agora que lá tem cotas então” afirmou. Três estudantes bolsistas concordam com a adoção dos sistemas de cotas e bolsas, sejam raciais ou sociais (dois bolsistas integrais e um parcial). Pedro adiciona “O PROUNI cumpriu muito bem sua função de dar oportunidade para pobre, preto e favelado”. Outro aderiu à linha dos não bolsistas (beneficiário parcial do PROUNI).

Aqui, Maria reconta o incidente citado alhures, ocorrido em seu início de curso e que escancara um conflito que se mantinha velado nas relações interpessoais:

“Logo no primeiro semestre ocorreu uma situação de discriminação e manifestação de ódio. O professor de psicologia propôs um trabalho em grupo para a turma. A tarefa era fazer uma análise de um dos livros por ele indicado. Para facilitar a comunicação, o professor criou uma comunidade através de um servidor de e-mails e lá os grupos formados em sala foram informando qual o livro queriam analisar. Aconteceu que um grupo formado apenas por alunos bolsistas escolheu o mesmo livro que um grupo de alunos não bolsistas também escolheu. Neste momento, um dos integrantes do grupo de alunos não bolsista enviou uma mensagem pública na comunidade com os seguintes dizeres: Não basta esses alunos bolsistas invadirem nossa escola com seus nomes e rostos estranhos, e ainda por cima querem roubar o livro do nosso trabalho? Muitos alunos ficaram indignados e a questão foi devidamente manejada pelo professor e pela direção.” (Maria)

Destaco ainda a reação de alguns entrevistados frente ao “mito” da faculdade da *high society*, alimentado também pelas músicas entoadas em eventos esportivos. Tal ponto foi abordado em desdobramentos de entrevistas e conversas informais. Alunos não bolsistas e um bolsista parcial defenderam que as canções são apenas brincadeiras inocentes e inofensivas. Afirmaram não aplicar a estigmatização do pobre aluno da Federal (cantada nos jogos jurídicos para rivais não necessariamente pobres) aos colegas bolsistas. Uma bolsista integral admitiu enorme incômodo com as músicas ao afirmar “deixam muito claro que não gostam de pobre, por isso é mais fácil relacionar com

outros bolsistas.” (Renata). Pedro completa: “as músicas deixam uma imagem péssima para a Faculdade, de pessoas preconceituosas e idiotas com uma pecha de superioridade, nunca compactuei.”. Relatos de opressão como os retratados anteriormente eram frequentes e as afinidades eletivas coincidiam majoritariamente com pares de grupo, salvo caso de bolsistas parciais que aparentemente tinham maior facilidade para circular entre ambos.

Por fim apresenta-se entrevista feita com o professor Thiago, que começou a lecionar na Faculdade pouco antes da adoção maciça de bolsas de estudo e saiu enquanto os bolsistas ainda eram um grupo minoritário, mas em franco crescimento.

“Peguei o início do processo do PROUNI e do FIES e foi muito evidente a mudança nas turmas, tanto no turno da manhã como no turno da noite, que ficou ainda mais evidente pela presença dos alunos mais pobres e negros. Pra classe trabalhadora o turno da noite era mais fácil. Não notei nenhuma diferença acadêmica pelo menos entre a média dos grupos. O que se nota é que entre alunos brancos e ricos existe um desvio padrão para além da média, uns alunos muito bons, de alta erudição, que falam mais de uma língua. Não me lembro de ter visto isso entre alunos negros e pobres, a quantidade maior de leituras, uma segunda língua. No funcionamento geral da turma havia algum desconforto em questões como racismo, mas acho que havia um acolhimento razoável, não era nada perverso, bullying, isso nunca vi ou ouvi. Minha impressão geral é muito boa, foi uma coisa importante porque eu notei pela primeira vez entre as pessoas mais ricas as pessoas mais pobres tinham um empoderamento para falar, então pela primeira vez na vida essas pessoas mais ricas vão ouvir narrativas muito difíceis e diferentes da realidade da bolha social deles. Acho que isso incrementa para todo mundo, ver como o outro está vivendo, como se dá a vida do pobre, do negro, relatos assim apareceram várias vezes na aula, sobre transporte público, sobre morar em periferia, mercado de trabalho, coisas que os jovens adultos nunca tinham passado. Esse tipo de experiência narrativa era raro e quando começa a acontecer tem um ganho de massa crítica. Mas ainda eram poucos alunos na época. Sobre o desempenho geral eu não via mesmo muita diferença, só entre esses que estavam acima da média. Acho até que eu sentia que o grupo de bolsistas era mais esforçado do que a média do aluno branco, burguês, de classe média, que não faz o mesmo esforço”.

5 INSERÇÃO EM CAMPO

O presente projeto passou a ser esboçado mentalmente pelo menos cinco anos antes de sua aprovação no concurso de mestrado. Apesar da entrada prévia à adoção do PROUNI, minha turma já contava com bolsistas de outros programas de inclusão, especialmente aquele oferecido pela entidade mantenedora da faculdade. Eram poucos, à época. Com o advento dos programas do governo federal o número de beneficiados aumentou exponencialmente. Ao final de minha graduação um número expressivo de alunos contava com a bolsa de estudos.

Mantive a iniciativa de colher dados de ex-alunos, que conviveram com o autor em seus tempos de Faculdade. Conforme supracitado tal ideia buscava afiar impressões antes de entrar em campo e apresentar um panorama anterior das relações sociais, que pudesse ser comparado à situação atual vista em campo.

Volto após três anos. Na rampa anterior ao portão de entrada, o costumeiro engarrafamento não existe mais. Reparo o carro a minha frente. Novo, caro e com um adesivo colado na traseira. Adentrando o recinto algumas diferenças são notadas imediatamente. O estacionamento, muito mais vazio do que costumava estar em minha época, ainda ostentava alguns modelos caros. O estacionamento de professores só ostentava modelos caros. Notei a ausência do famoso carrinho de cachorro quente próximo à entrada, que deu lugar a um novo estacionamento de motos, esse sim lotado. A Faculdade foi pintada de branco e parece mais nova. Foram instaladas faixas para deficientes visuais no chão, rampas e elevadores em seu interior. Fico feliz em constatar o recente investimento em acessibilidade. Muitos alunos de terno, alguns visualmente imponentes, outros não. Desço do carro e caminho até a portaria principal. À minha frente um grupo de quatro alunos que acabara de descer de um ônibus. Outra diferença notada após o triênio ausente é a instalação de catracas que restringem a entrada de visitantes no prédio principal. Como não tenho uma credencial sou obrigado a pedir ajuda ao porteiro. Esse é o mesmo desde minha última vinda em 2014. Conversamos

por agradáveis cinco minutos, quando explico sobre meu projeto e escuto casos sobre o presente da Faculdade.

Uma vez lá dentro, lembro-me que maioria dos trâmites burocráticos entre alunos e instituição eram tratados pelo secretário e tesoureiro, Fábio¹². Sua fama era muito positiva entre o corpo discente, especialmente por ajudar os estudantes a organizar suas grades curriculares com sucesso. Valendo-me da amizade que construímos enquanto ele buscava minimizar os efeitos das repetências em meu currículo, resolvo pagar uma visita à sua sala para me informar sobre a situação dos estudantes bolsistas.

Descubro que o valor do crédito cursado sofreu reajustes desde minha época, sendo hoje de R\$ 97, 00 (noventa e sete reais). Pelos valores atuais, o estudante de último ano que cursa aproximadamente trinta créditos deve desembolsar até R\$ 2.910, 00 (dois mil novecentos e dez reais). Nota-se de imediato que tal valor é duas vezes mais alto do que a renda *per capita* do domicílio do aluno bolsista integral do PROUNI, que frequenta a mesma instituição. Segundo Fábio, atualmente mais de um terço dos matriculados está vinculado a algum dos programas governamentais de inserção de pessoas de baixa renda no ensino superior. Percentual muito mais alto do que aquele que encontrei durante meus tempos lá. O número total de alunos, no entanto, diminuiu drasticamente. Eram mil e novecentos e hoje pouco mais de mil e trezentos. Não me permitiram acesso a dados que poderiam passar informações relativas a questões relevantes como desempenho acadêmico ou taxas de evasão para efeito comparativo entre os grupos. Desse modo, optei por constar perguntas a respeito nas conversas, de modo a traçar conclusões a partir das impressões dos alunos.

A queda no número de alunos somada ao aumento do número de bolsas concedidas me faz imaginar que a Faculdade já conheceu dias melhores, financeiramente. Ainda que o lucro aferido em isenção fiscal possa ser até maior do que aquele relativo às mensalidades integrais, conforme informação anterior, noto que algumas salas de aula ficam vazias durante o

¹² Nome fictício, usado para preservar a identidade do entrevistado. Tal procedimento será mantido para todos os citados na pesquisa, cujos nomes verdadeiros ficarão em sigilo.

horário letivo. Tal fato nunca houvera acontecido em meu tempo de aluno. Penso que as vagas para não bolsistas não são mais preenchidas integralmente, o que pode ser reflexo de uma crise econômica ou de eventual queda no prestígio da instituição. O ingresso na Faculdade é possível via vestibular próprio ou nota do ENEM e nos dois casos as primeiras classificações são as de ampla concorrência, anterior a fase de concessão de bolsas. Em minha época, sem programas públicos de incentivo, faltavam vagas para alunos dispostos a pagar o preço. Parece justo dizer que a adesão aos programas de fomento são o que mantem a Faculdade funcionando atualmente. Me pergunto se eventual queda no prestígio da instituição poderia estar relacionada a uma mudança no *status* de espaço exclusivo de uma elite, que serviria como fator de distinção para uma classe social.

Registro uma dificuldade encontrada na primeira visita ao campo. No enorme pátio onde os alunos se agrupam durante os intervalos de aula, tentei observar a composição de cada roda de amigos, já (e talvez apressadamente) querendo testar a hipótese de que bolsistas e não bolsistas mantém certo nível de segregação entre si. Dei-me conta do desafio que seria identificar os indivíduos pertencentes a cada grupo antes de qualquer contato. Se anos atrás a distinção me parecia óbvia, fosse pela relativa segregação entre os grupos ou pela facilidade em identificar signos distintivos, hoje a dificuldade parece maior.

Sendo a renda, ao menos a princípio, um dos fatores primordiais de diferenciação (o trabalho em campo pode revelar vários outros, mas diante do pressuposto de que a hipossuficiência financeira é o que permite a matrícula de bolsistas na instituição, partimos desse) é possível pensar que a dona do carro alemão que ficou presa no tráfego a minha frente na entrada do prédio, não é bolsista. Mas talvez o grupo de alunos que me seguiu saindo do ônibus comporte ao menos um beneficiário de bolsa.

Minha primeira abordagem, ainda em tom informal, sem o roteiro, foi com um aluno que não entrou em sala no primeiro horário. Enquanto esse fumava na arena me aproximei e pedi licença para um minuto de conversa. Ele foi muito gentil respondeu a todos os meus questionamentos sem pressa,

tendo inclusive me indicado alguns amigos para novas entrevistas, considerando que poderia ser útil. Era um bolsista parcial do PROUNI. Antes do final do primeiro horário mais dois estudantes, conhecidos desse, se juntam a nós e iniciamos uma conversa sobre possíveis fatores de distinção. Um homem e uma mulher. Coincidência ou não, três bolsistas. Me chama atenção a forma jocosa com que tratam o estereótipo, ou imagem idealizada, do aluno “estabelecido”. Ainda que fossem amigos de alguns desses não tardavam em destacar que muitos eram apenas jovens ostentadores e sem maiores preocupações. Ouço pela primeira vez uma frase que se repetiria diversas vezes “e de manhã é ainda pior”.

Lembro-me de uma das informações colhidas em fase anterior. Disse um amigo: “A galera bolsista se excluía, muitos nem saiam da sala no intervalo.”. Pelo que decido entrar em uma sala durante o intervalo e averiguar.

Na primeira sala visitada encontro um grande grupo de alunos. Embora fizesse sempre um exercício mental de tentar “acertar” quem seria bolsista ou não entre os abordados (e tinha uma ótima média de acerto), não me atrevi a classificar os alunos ali presentes. Me surpreendi com a heterogeneidade da turma e tive vontade de entrar no meio e começar uma longa conversa com os presentes, quase como um grupo focal. Mas, ainda novato em campo, me senti intimidado e desci novamente.

Retornei um pouco mais cedo dias depois, aproximadamente uma hora antes do início das aulas. Encontro uma aluna sozinha, fumando na arena. Parece a oportunidade perfeita para testar meu roteiro, a esse tempo menor e mais rígido do que os modelos posteriores. A experiência foi excelente. A aluna, bolsista integral, respondeu pacientemente todos os meus questionamentos. Como estava anotando as respostas demorava além do que me parecia razoável, mas ela não parecia ligar. Percebo que a gravação é uma ideia melhor. Alguns amigos dela foram chegando à medida que o horário de aula se aproximava e quando me dei conta estava cercado de um grupo de aproximadamente cinco pessoas que discutiam entre si as perguntas realizadas. Nesse grupo, apenas um aluno se declarou não bolsista. Em momentos sua visão divergia dos outros. Questionei se poderia aplicar o

questionário para ele e sua resposta foi positiva, mas em horário de intervalo já que a aula estava por começar. Assim foi feito. Mas se o estudante que se mostrava falante e opinativo em grupo, me pareceu muito fechado e de poucas palavras quando a sós comigo. E, tal qual alguns colegas do passado que pagavam mensalidade integral, não parecia reconhecer a possibilidade de distinção, insistindo que para ele todos eram iguais.

Já com algumas visitas formo a impressão de que as pessoas mais abertas para falar sobre o tema são as mulheres bolsistas. Uma delas foi tão prestativa que me apresentou vários amigos dos variados grupos e me levou para conversar com uma professora que considerava poder contribuir. Essa não fazia parte do quadro docente em minha época e lecionava a disciplina direitos humanos, além de fazer parte da comissão da Faculdade que regula o PROUNI. Foi de fato uma das melhores entrevistas conduzidas. A aluna que a apresentou ainda me deu seu número de telefone e se fez disponível para eventuais dúvidas que pudessem surgir. Eterna gratidão para com minha “Doc” (Sociedade de esquina), a informante.

Tive boas informações em conversas com professores, embora alguns também se mostrassem hesitantes em apontar distinções, fosse pelo desempenho ou por exame visual. Com os funcionários (porteiro, segurança e bibliotecária) não tive grande sorte, já que apesar de um até dizer notar diferenças no corpo discente, não conseguiu se aprofundar muito em relação aos parâmetros.

Em determinado ponto, após uma conversa, me dei conta que havia deixado passar um detalhe interessante. No grande hall em frente a entrada da Faculdade, que ostenta o busto em bronze de seu patrono, havia afixado dois banners das turmas formandas do semestre, uma da manhã e outra da noite. Questionando relações entre raça e a condição de bolsista, uma beneficiária parcial declarada parda do turno da noite me chamou atenção: “quantos negros você vê nessas fotos dos formandos?”. Não me senti a vontade para julgar o que deve ser autodeclarado e devolvi a pergunta: “Uns sete, oito no máximo.” Foi a resposta. Perguntei se achava que esses se distribuíam igualmente entre os turnos e ela disse que sim. Parei e contei um

total de sessenta e oito alunos nos dois banners (além dos paraninfos, três mulheres e cinco homens). Confesso que me perguntei se concordaria com ela caso fosse questionado novamente. Acho que sim.

Após algum tempo em campo percebi que havia entrevistado muitos alunos bolsistas. Já me parecia claro que esses eram mais receptivos à pesquisa, mas para além disso notei que havia criado certa resistência para abordar os alunos não bolsistas. Talvez porque em geral fossem menos interessados em conversar, talvez porque eu mesmo passava a criar uma impressão não muito favorável deles, quem sabe inspirado pelo estereótipo negativo que alguns entrevistados ajudavam a criar (com certa influência de minha experiência passada, como aluno).

Mas precisava equilibrar os números e para isso decidi por iniciar nos ambientes que me pareciam hostis à minha época, onde poucos bolsistas frequentavam, a Atlética (que fazia as músicas e símbolos da Faculdade) e o D.A.. Conversei com presidente e vice do D.A., não bolsistas, e a entrevista foi ótima. Da mesma forma seguiu com o membro da Atlética, que era bolsista, algo difícil de imaginar nos meus tempos de aluno.

A boa experiência serviu para romper parte da minha resistência não intencional em entrevistar alunos pagantes integrais. Fiz mais algumas, umas boas e outras pouco acrescentaram.

Em algum momento me tornei figura conhecida entre alguns estudantes do período noturno, quando desenvolvi maior parte da pesquisa. Por vezes passava com meu caderno e caneta entre os corredores da Faculdade e era cumprimentado por alguns alunos que sabiam meu nome enquanto outros me tratavam como “o cara da pesquisa”. E era comum perguntarem como iam os estudos ou até oferecerem mais ajuda para encontrar entrevistados e fazer novas questões.

Alguns questionamentos se mostravam sensíveis para determinadas pessoas. Alunas não bolsistas, por exemplo, pareciam se incomodar mais em revelar o fator de distinção mais apontado, vestuário, e não costumavam fazer referências a dificuldades no percurso acadêmico ou a

situações de preconceito vividas. Algumas alunas bolsistas relataram casos de assédio, especialmente por professores. Se sentir “calada” ou “sem lugar” em sala de aula era uma reclamação constante. Homens não bolsistas não tinham dificuldade em apontar situações conflituosas envolvendo preconceito de classe ou racismo, mas todos os casos envolviam terceiros, ao contrário do grupo anterior (e novamente alguns tinham professores como protagonistas). Esses, no entanto, não pareciam à vontade para assumir que talvez o estilo de vida mais próspero materialmente afastava alguns colegas do convívio. Somente alunos declarados negros falaram de racismo, mas em manifestações veladas, não explícitas. Homens em geral passavam impressão de desinteresse ou incômodo em falar da vida fora da Faculdade, como trajetória pregressa ou dificuldades enfrentadas durante o curso.

Após diversas visitas no turno da noite decido conferir o que muita gente havia falado, que no turno da manhã a diferenciação entre grupos é ainda mais evidente e que os perfis idealizados se aproximam muito mais da realidade entre esses alunos. Tentei não pensar nisso ao chegar, para manter certa isenção e distanciamento, mas após várias visitas acabei com impressão semelhante. É fato que a média de idade entre eles é bem menor e que boa parte não tem trabalho fixo, salvo grande quantidade de estagiários em escritórios de advocacia. A quantidade de bolsistas é proporcionalmente menor, fato que notei em observação e depois chequei na secretaria. Quando me valia de abordagens em grupo (ou quando grupos se formavam durante a entrevista) notei que as redes eram mais homogêneas, o que passa a impressão de maior segregação. Como impressão geral posso afirmar que salvo algumas bolsistas integrais o interesse dos alunos em colaborar com a pesquisa era menor.

Vale apontar que por ironia do destino estive na Faculdade no dia em que os alunos embarcaram no ônibus em direção aos Jogos Jurídicos. Boa parte começou a beber antes da saída, o que diminuía paciência de alguns em me atender (mas aumentava a de outros). Me espanto com a quantidade de bolsistas que viajaram, aparentemente muito mais do que em minha época (vale ressaltar o preço salgado do evento, em torno de mil reais para três ou quatro dias de estada), mas ainda assim em proporção menor do que os

alunos pagantes integrais. Reparo bastante nas músicas cantadas antes do embarque. Nenhuma daquelas postadas acima foi entoada.

6 A FACULDADE DO NOSSO TEMPO

Nessa sessão os dados mais relevantes colhidos serão apresentados e analisados em forma de tópicos que antecedem uma conclusão geral acerca das dinâmicas de sociabilidade na Faculdade, levando em conta fatores distintivos que podem, ou não, justificar a classificação dos alunos em grupos.

Foram realizadas trinta entrevistas com alunos entre dezenove e quarenta e seis anos, do primeiro ao décimo período, sendo quatorze no turno da manhã e dezesseis no turno da noite, quatorze mulheres e dezesseis homens, cinco pessoas declaradas negras, dez pardos e quinze brancos; divididos em não beneficiários de qualquer bolsa, bolsistas parciais (modalidades: PROUNI, FIES, Educa+ Brasil e bolsas da própria Faculdade concedidas para funcionários) e bolsistas integrais (PROUNI). Como o roteiro de questões foi se modificando ao longo do tempo existem pequenas diferenças entre entrevistas, como a inclusão posterior de uma pergunta, por exemplo.

Os alunos que não dispõem de bolsa compõem grupo de oito mulheres e oito homens; nove do período da manhã e sete da noite; oito declarados brancos, seis pardos e dois negros. Um aluno de quarenta anos se destaca dos colegas que variam entre dezenove e vinte e sete anos.

Alunos não beneficiários de qualquer bolsa

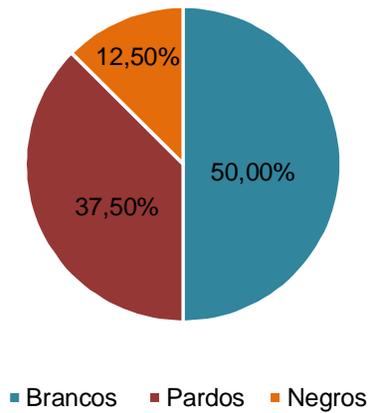


Figura 2: Gráfico da porcentagem de estudantes declarados brancos, pardos e negros entre os alunos não beneficiários de qualquer bolsa

Os alunos beneficiários de bolsas parciais compõem grupo de quatro mulheres e quatro homens; quatro do período da manhã e quatro da noite; cinco declarados brancos, dois pardos e um negro. As idades variam entre dezenove e quarenta e seis anos com maioria entre vinte e trinta anos.

Alunos bolsistas parciais

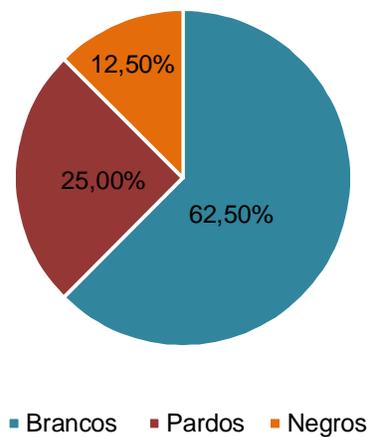


Figura 3: Gráfico da porcentagem de estudantes declarados brancos, pardos e negros entre os alunos bolsistas parciais

Os alunos beneficiários de bolsas integrais compõem grupo de duas mulheres e quatro homens; um do turno da manhã e cinco da noite; Dois declarados negros, dois pardos e dois brancos. Suas idades variam entre vinte e um e vinte e seis anos, salvo um homem de trinta.

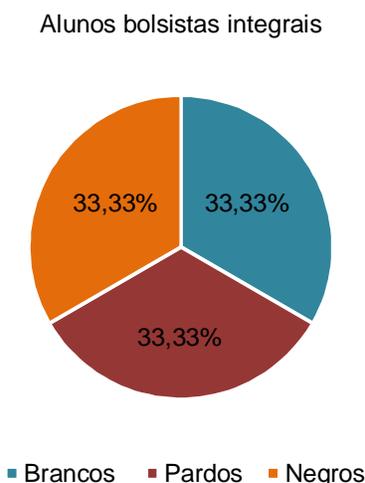


Figura 4: Gráfico da porcentagem de estudantes declarados brancos, pardos e negros entre os alunos bolsistas integrais

6.1 Trajetória

6.1.1 Trajetórias progressas

Dentre os entrevistados não beneficiários de bolsa de estudos apenas um declarou ter estudado em escola pública antes do ingresso na Faculdade, sendo todos os outros oriundos de instituições privadas. Entre os beneficiários cinco dos parciais disseram ter estudado em colégio público. Nos integrais apenas uma aluna estudou em instituição privada, mas beneficiada por bolsa. Alguns bolsistas usaram a origem escolar como justificativa para problemas de rendimento acadêmico.

A origem escolar é um tópico que sugere também um viés de raça na análise. Dentre os entrevistados declarados brancos apenas um de quinze estudou em escola pública, o mais velho do grupo com quarenta anos. Quatro alunos pardos estudaram em escolas particulares, pouco menos da metade. Na menor amostra, de alunos negros, três de cinco estudaram em colégios

particulares, mas há que se ponderar que uma aluna foi beneficiária de bolsa integral e outra estudou em Angola, onde nasceu.

Sobre as condições socioeconômicas de cada indivíduo, para além dos possíveis requisitos para receber cada tipo de bolsa, perguntei sobre as ocupações dos pais de alunos. Para muitos estudantes, especialmente os mais jovens, a condição financeira dos pais é determinante para o sustento dos estudos. Apenas um não bolsista trabalha (o mais velho), os outros se dividem entre estagiários e estudantes exclusivos. Proporcionalmente, os bolsistas parciais parecem ter a maior média de ocupados profissionalmente, cinco nessa amostra. A média de idade geral desse grupo é um pouco maior do que nos outros dois, o que pode contribuir para a maior inserção laboral. Uma bolsista integral negra trabalha como vendedora, três beneficiários da mesma modalidade são estagiários e o outro se dedica unicamente ao estudo.

- Algumas profissões de pais de alunos bolsistas integrais: empregada doméstica, mecânico, funcionário público, enfermeira e comerciante. - Algumas profissões de pais de alunos bolsistas parciais: caminhoneiro, empresária, comerciante, advogado, aposentada. - Algumas profissões de pais de alunos não bolsistas: médico, dentista, empresário, representante comercial, engenheiro. Destaco também um pai falecido que fora juiz.

Embora não constasse oficialmente nos roteiros utilizados qualquer pergunta relativa ao bairro ou região de domicílio do indivíduo, bem como o nome dos colégios que frequentaram previamente, muitas vezes as conversas se permitiam tocar nesses pontos, sobretudo em perguntas relativas ao tipo de escola que frequentou (particular ou pública), sobre a rede de amizades anteriores com atuais colegas e sobre as regiões em que se encontram extraclasse. Tais observações me permitem algumas considerações sobre a distribuição geográfica dos alunos. Entre os não bolsistas uma rede consideravelmente pequena de colégios de boa fama (inclusive aquele em que estudei) na região centro-sul (nobre) concentrou boa parte desses estudantes. Essa mesma região é também o principal local de domicilio dos não bolsistas,

seguida dos arredores da Faculdade. Outra mora mais distante, em um bairro nobre do outro lado da cidade.

Os alunos beneficiários em geral se distribuem de forma heterogênea por Belo Horizonte e cidades vizinhas. A zona centro-sul tem habitantes das duas categorias, tal qual o centro da cidade de Nova Lima. Os lares mais distantes da Faculdade dentre os entrevistados são as casas de três alunos bolsistas, um parcial na região de Venda Nova e dois integrais que moram nas cidades de Itabirito e Betim respectivamente.

No grupo de alunos não bolsistas quase todos afirmaram conhecer previamente algum dos colegas atuais, salvo nova exceção do aluno de maior idade, que afirmou “entra pouca gente da minha faixa etária”. Uma aluna da manhã relatou: “Quando entrei não tinha nenhum amigo, mas vários conhecidos e uma inimiga.” O número de conhecidos variava entre um e “vários”. Entre os bolsistas o percentual com conhecidos anteriores é menor, dois dos integrais e quatro dos parciais. Mas há que se destacar que alguns vieram de cidades no interior e até de outro país. O número de conhecidos citados varia entre um e quatro.

Maioria dos alunos passou pelo ENEM, apenas alguns pagantes integrais participaram do vestibular da própria Faculdade e processos seletivos posteriores para preencher vagas remanescentes. A nota de admissão atual é muito menor em relação à requerida em minha época, quando também não sobravam vagas para preenchimento posterior. Alguns responderam que escolheram a Faculdade por não conseguirem passar na federal, em todos os grupos. “Prestígio”, “conceituada” e “tradição” também foram comentários citados nas três categorias. Alguns bolsistas mencionaram influência paterna, tal como uma parcial cujos pais estudaram lá. Outra bolsista parcial escolheu em razão da distância para casa, apesar de não ser sua primeira opção. Três não bolsistas, duas mulheres e um homem, todos da manhã, se apegaram somente à distância do domicílio. Um não bolsista que está cursando sua segunda graduação é um engenheiro tentando mudar de área. Um bolsista integral da noite afirmou que nem conhecia a Faculdade, que não é falada em

sua região, mas decidiu tentar após uma pesquisa na internet que revelou a qualidade da instituição.

A distinção entre estudantes oriundos de escolas públicas e particulares é um indicativo que influencia respostas relativas ao desempenho acadêmico dos alunos, que está relacionado ao acúmulo de capitais adequados ao campo, principalmente cultural. Os entrevistados responderam sobre suas dificuldades ligadas ao conteúdo do curso no ingresso e durante a trajetória universitária. O alto número de bolsistas parciais empregados é um fator relevante a se considerar nas análises de desempenho acadêmico e até de redes sociais.

O fato de que existe uma enorme discrepância a favor dos não bolsistas quanto às redes de colegas previamente conhecidos coincide também com a distribuição geográfica do domicílio desses, visto que muitos moram próximos e frequentaram as mesmas escolas e regiões. Esse grupo inicia o curso com maior capital social e simbólico, pois além dessa proximidade servir como fator de coesão existe uma coerência entre o espaço físico e sua projeção enquanto espaço social que favorece o *habitus* dos residentes e frequentadores contumazes da região.

Outra maneira de analisar a questão é imaginar comparativamente o processo de adequação de dois indivíduos, um bolsista e outro não, a uma nova configuração que estabelece uma relação de interdependência direta (de contato pessoal) entre eles. Os não bolsistas tendem a serem favorecidos quando têm mais elos com valências estáveis de relações anteriores com indivíduos que partilham configurações. Além disso, a entrada do não bolsista na Faculdade não gera fissuras tão grandes quanto a entrada do bolsista, cujas configurações anteriores tendem a compartilhar menos signos em comum com a nova configuração por razões socioeconômicas e geográficas. Pensando esses alunos como tipos ideais diante da observada reincidência de casos similares, especulo que os balanços de poder inerentes à relação entre os indivíduos classificados nos dois grupos se inicia muito favorável para os pagantes integrais.

Uma hipótese me surgiu após a coleta de dados. Observei que os alunos bolsistas exaltam mais a qualidade pedagógica da Faculdade quando perguntados sobre a razão de a terem escolhido para estudar.

“Aqui é referência, uma faculdade de muita qualidade, talvez a melhor em direito. Até meus pais conheciam de nome, então ficaram muito orgulhosos quando consegui entrar. Não me arrependo de ter escolhido aqui por causa da parte educacional, porque a social é difícil.”

Disse uma aluna bolsista parcial. Embora elogios pedagógicos tenham surgido em todos os grupos alguns pagantes integrais mostraram certo desdém pela Faculdade, como se o ingresso tivesse sido uma casualidade e não uma vontade. Apareceram respostas como “porque é perto da minha casa.”, “porque não tinha feito nenhum vestibular no ano, e eles ofereciam uma prova para quem quisesse entrar depois.” e “Ah, tinha que fazer alguma coisa e aqui era fácil de entrar”. Anos atrás, quando ingressei, não era “fácil de entrar” e não sobravam vagas. A diferença é que atualmente menos pessoas se dispõem a pagar a matrícula integral. Mas por quê?

Decido checar alguns títulos que conferem prestígio à Faculdade. Mais de quarenta anos de criação, selo de aprovação da OAB, melhor desempenho entre universidades privadas na prova da Ordem, segundo lugar no Ranking Universitário do Jornal Folha de São Paulo, nota alta em Conceito Institucional pelo MEC. Credenciais parecidas com aquelas apresentadas em minha entrada, com um corpo docente que em sua maioria se manteve desde então. Passo a me perguntar se a inserção de alunos bolsistas não maculou o “mito” da Faculdade, que por não ser mais exclusiva da *high society* mineira perdeu valor simbólico e se tornou menos atrativa para as altas classes.

6.1.2 Trajetórias acadêmicas

A trajetória escolar anterior parece assumir certo viés de classe já que aqueles que podiam pagar mensalidade no colégio seguiram pagando no ensino superior e, dentre esses, os relatos indicam pouca ou nenhuma dificuldade acadêmica no começo do curso. “Aqui o pessoal que não ganha bolsa vem dos colégios bons, com essa cultura de classe média, os bolsistas tem histórias distintas mesmo, vêm de escola estadual.”, disse um estudante não bolsista da noite. Uma aluna não bolsista da noite relatou dificuldades no

início do curso, justificando que apesar de ter estudado em escola particular “vim do interior”, e um aluno da manhã disse que sentiu muita dificuldade, mas por culpa própria “Quando cheguei só queria zoar, nem saber de estudar, aí deu ruim.”.

Entre os alunos bolsistas os comentários sobre dificuldades iniciais seguem padrão parecido com aquele percebido na questão que distingue as escolas. Dos quatorze, oito afirmaram alguma dificuldade com conteúdo. Destaco falas de fases diferentes do curso, primeiro por um beneficiário integral da noite que cursava o terceiro período:

“Tá começando a melhorar um pouco agora, mas sempre tive muita dificuldade. Não conseguia ler as coisas, não tinha tempo, não entendia as aulas. Mas é porque estudei em escola pública e agora que tô pegando o que tive que correr atrás.”

De uma bolsista parcial do oitavo período no turno da noite: “Olha, no começo sim, passei aperto, vim de escola pública, a exigência aqui é muito maior. Mas acostumei, hoje já consigo lidar com mais tranquilidade.”

E de um bolsista integral do sétimo período da noite que afirmou:

“Era bom aluno em escola pública, mas demorei a entrar no ritmo. No começo tive muita dificuldade com falta. Moro longe e já chegou até a faltar dinheiro de transporte para mim. Já tive que pedir dinheiro pro professor para voltar para casa.”

Opiniões parecidas surgiram em outros depoimentos de bolsistas que narraram uma dificuldade inicial, mas superável com o tempo. O contrário da narrativa apresentada no outro grupo, em que alguns reclamam da dificuldade em períodos avançados. “Não, não tive muito impacto da escola pra faculdade. Tive dificuldade depois, mas aí foi malandragem minha mesmo,” de uma aluna da manhã. É consenso entre todos que abordaram a questão, bolsistas ou não, que o nível de dificuldade aumenta na segunda metade do currículo. Mas enquanto bolsistas descreveram um rendimento ascendente, parte dos pagantes tomou a linha oposta.

Pensei em parte da literatura apresentada que sugere que alunos bolsistas tendem a começar os estudos com desempenho abaixo dos colegas, mas eventualmente os superam. Há que se considerar que as taxas de evasão do curso, segundo os próprios alunos, são muito altas. As respostas variam;

“Acho que uns dez saíram da minha sala” e “Vinte por cento”, por exemplo. Perguntei quem se arriscaria a fazer uma proporção de bolsistas e não bolsistas entre os evadidos e obtive dois padrões de resposta: “não sei identificar” e “acho que maioria era bolsista”. Sobre as razões da alta evasão, disse o presidente do D.A. “Os que eu sei é porque não gostavam da faculdade mesmo, os casos que eu soube nem era por causa de grana ou relação social não.”. Outros alunos apontaram que a taxa de evasão é alta também entre não bolsistas. Um aluno justificou a alta taxa assim: “a Faculdade é chata mesmo, muita gente não aguenta e sai”. Cumpre lembrar que os requisitos cobrados pelos programas que distribuem bolsas, como a média mínima da nota em 70%, deve pesar na continuação dos estudos dos alunos bolsistas, o que acaba por selecionar “os melhores” como aptos a seguir.

Alguns alunos bolsistas afirmaram que um fator de diferenciação que pode conferir vantagem acadêmica para os não bolsistas é o fato de muitos serem filhos de advogados. No entanto, na amostra colhida, apenas uma estudante parda bolsista parcial no turno da manhã e uma não bolsista branca do mesmo turno se beneficiariam disso. A filha não bolsista de um juiz falecido também diz ter adquirido muito conhecimento do pai, que lhe inspirou a tentar o curso. Se encheu de orgulho ao contar brevemente a história dele:

“Meu pai veio de Ponte Nova, estudou em escola pública lá, foi para Belo Horizonte morar na casa pobre de um tio dele que deu emprego de mecânico pra ele. Com o dinheiro ele pagava a própria escola no ensino médio. Depois começou a vender fruta e estudar sozinho até passar na federal. E enquanto tava na faculdade voltava todo fim de semana pra Ponte Nova porque tinha um bico lá. Chegou a ficar sem dinheiro de passagem, as vezes viajava pra pegar aula, se bancou com seu estudo. E conseguiu virar juiz, deu tudo certo. E para mim também né.”

Dentre os alunos não bolsistas apenas dois incidentes que influenciaram o rendimento acadêmico até o momento da entrevista foram relatados, um aluno da noite que se afastou por um semestre por problemas pessoais relacionados a uma enfermidade na família e uma aluna da manhã que alegou ter passado por problemas financeiros apesar de não ter interrompido o curso. Dificuldades com o conteúdo nos períodos superiores foi uma reclamação recorrente e problemas com relacionamentos, sem especificar quais seriam, foram citados por duas mulheres de turnos diferentes.

Uma aluna negra bolsista integral do turno da noite relatou problemas de adaptação com a língua com empecilho para melhor desempenho acadêmico. Ela é natural de Angola e estuda na Faculdade com bolsa integral do governo angolano. “eu consigo entender as palavras, mas o ritmo é difícil para mim.” Dificuldades com conteúdo em períodos superiores foram mencionadas duas vezes por bolsistas, menos do que narradas em relação ao início de curso. A entrevistada de maior idade, bolsista parcial do décimo período, disse que se sentia “enferrujada” após anos sem estudo, o que lhe acarretou dificuldades pedagógicas.

“até hoje me sinto atrás do pessoal em questão de nota, prova. Bom que tá acabando, demorou, mas tá chegando. E as meninas que eu ando são avacalhadas, então não ligo de ter nota ruim”

Uma aluna bolsista integral da noite fez a seguinte reclamação:

“o acervo da biblioteca é pequeno, e como é comum que toda a turma procure os mesmos livros para estudar, os cinco que chegam primeiro levam. Aí muita gente pode comprar, principalmente os considerados mais clássicos, mas eu não tenho condição. E as vezes o livro que você procura ainda tem três reservas na sua frente. Aí vem o gasto com xerox que fica muito caro.”

A mesma aluna reclamou sobre os horários ofertados para palestras e eventos, por serem incompatíveis com seu itinerário em razão da distância percorrida por dia até a região de Venda Nova. Ninguém comentou sobre o fato de que alguns congressos e palestras, que contam como horas complementares para a integralização de créditos obrigatórios, são pagos. Ela se queixou também do preço cobrado por alimentação na cantina da Faculdade “um pão de queijo custa três reais.”, reclamação repetida por mais dois alunos, sendo que um lembrou o carrinho de cachorro quente que por lá se instalou durante vários anos e foi retirado recentemente: “Eu preferiria pagar dez reais no Lineu e sair bem alimentado do que nessa lanchonete ruim. A concessão do ponto é recente e ninguém gostou.”. Nenhum estudante do turno da manhã falou a respeito dos preços praticados na cantina.

Dificuldades financeiras foram mencionadas três vezes por bolsistas, sendo uma aluna bolsista parcial da noite que teve que trancar o semestre por duas vezes e ainda fazer o mínimo possível de créditos em outros semestres porque seu emprego não sustentava o curso; e um aluno

bolsista integral da noite que continuou acumulando muitas faltas por às vezes não ter dinheiro para transporte, apesar de afirmar que o estudo é sua grande prioridade financeira. Outra aluna bolsista parcial da noite engravidou e interrompeu os estudos por dois semestres. Alunos que trabalham falaram do desgaste de conciliação com os estudos.

Num comparativo entre os entrevistados bolsistas e não bolsistas fica claro que os relatos dos últimos atestam maior segurança em questões materiais, pois fatores como transporte, distância, preço de material, exaustão e adaptação ao ambiente sequer foram mencionadas. Nesse ponto é possível afirmar que a diferença socioeconômica divide os indivíduos em grupos semelhantes às categorias aqui criadas. “Eu movo mundos e fundos para estar aqui, para eles é fácil, então não ligam”. Disse um bolsista integral da noite.

A assimilação de conteúdo deixa de ser considerada dificuldade para três bolsistas que passaram da metade do curso e permanece para dois.

As expectativas em relação à carreira e futuro após Faculdade convergem muito entre os grupos. Advocacia é de longe a opção mais almejada. Concursos públicos aparecem como segundo, com maiores índices entre mulheres e no turno da manhã. Dois homens não bolsistas pensam em largar a área e ainda não se decidiram quanto ao futuro, uma mulher do 3º período se disse indecisa. Ninguém mencionou influência paterna ou de capital social como recurso possível no posicionamento ocupacional. Três bolsistas, dois homens e uma mulher, disseram ter orgulho da trajetória acadêmica, o que nenhum pagante repetiu.

Alguns alunos bolsistas, principalmente os oriundos de colégios públicos, parecem ter acumulado capitais culturais e sociais menores ou inadequados ao campo em disputa, o que se traduziu no déficit comparativo inicial. Os casos de superação das dificuldades nos primeiros períodos indicam a possibilidade de rápida assimilação de capitais, que pode reverter a vantagem acadêmica inicial dos não bolsistas. No entanto, penso que os critérios de manutenção das bolsas podem pesar na alta taxa de evasão, o que implicaria um tipo de “seleção” dos bolsistas que podem superar o

desempenho acadêmico dos colegas. Uma aluna não bolsista do décimo período da noite afirmou que em sua turma vão formar mais alunos bolsistas.

6.1.3 Suporte pedagógico

Perguntados a respeito de possíveis mecanismos de apoio pedagógico para alunos que necessitem, os entrevistados foram unânimes quanto à atuação da Faculdade. Nenhum suporte é oferecido, salvo as tradicionais aulas de reforço através de monitoria.

Estudantes bolsistas apontaram que alguns professores são mais sensíveis e oferecem ajuda quando percebem um aluno com dificuldade. Dois entrevistados citaram o caso de uma professora específica que se prontificou a ajudar financeiramente aqueles que não pudessem pagar inscrições para eventos da Faculdade.

O ex-presidente do D.A. relatou que costumava fazer promoções nos valores dos eventos para atrair alunos bolsistas, mas que com a quantidade atual de beneficiários tal iniciativa fica inviável. Um membro da Atlética, pardo e bolsista integral (não me lembro de bolsistas ocupando cargos representativos em minha época, sendo que em determinado período mais ou menos no meio do curso cheguei a integrar a equipe de gestão do D.A.) disse que existe uma política de amenizar e negociar preços para alunos bolsistas, sem especificar as situações.

As formas de colaboração entre estudantes foi um tema que rendeu respostas abaixo do esperado em minha concepção. Isso porque suas respostas convergiam muito com as redes de amigos próximos de cada aluno e essa questão já considerava quantos eram bolsistas entre esses. Mas ouvi algumas vezes elogios ao desempenho acadêmico dos bolsistas: “Os bolsistas são os mais esforçados, é bom ser amiga deles que ajuda muito no estudo” disse uma aluna não beneficiária da manhã. E mesmo entre os beneficiários os comentários tendiam a valorização: “Nós somos os melhores alunos, porque temos que manter uma média acima de setenta. Maioria do pessoal daqui não tá nem aí para isso, não estuda, toma bomba.” Disse um bolsista integral da noite.

6.2 Distinção

6.2.1 Redes sociais na Faculdade

Conforme apresentado na sessão anterior, as redes sociais progressas parecem auxiliar os pagantes integrais no estabelecimento de amizade com colegas. Doze deles afirmaram não ter tido qualquer dificuldade em estabelecer laços de afinidade, percentual maior do que nos grupos de bolsistas que ficaram abaixo da metade.

Sobre as relações sociais atuais, seis estudantes sem bolsa afirmaram não saber quantos são bolsistas entre aqueles com quem mantém maior contato entre os colegas. Uma aluna da manhã respondeu “nunca perguntei se alguém tinha bolsa.”. Dentre os que responderam ouvi, entre outras respostas “Vários amigos meus são bolsistas”, “acho que uns três de dez” e “três de cinco”. Uma aluna reclamou do distanciamento dos colegas alegando sofrer preconceito por ser do interior “acho que na minha cidade as relações eram mais próximas, tinha mais afeto. Aqui as pessoas se aproximam menos, é uma coisa mais fria.”. Dois alunos sem bolsa responderam que bolsista só anda com bolsista.

Os alunos bolsistas têm mais informações sobre a condição dos colegas, tal qual na época em que lá estudei. Apenas um parcial da manhã disse desconhecer por completo a informação. Um aluno bolsista integral da noite afirmou não ter amigos. Uma da manhã disse que todos seus amigos próximos são bolsistas. Outras respostas registradas foram “tenho uns seis ou sete amigos que sei que são bolsistas” e “de cinco só um é bolsista”. Duas bolsistas enfatizaram questões de gênero no estabelecimento de amizades, uma integral da noite disse: “A grande maioria dos meus amigos aqui é homem. Eles costumam ser mais de boa, as meninas daqui são muito cheias de mimimi.”.

Nota-se que bolsistas integrais tendem mais a justificar distância de outros grupos pelo argumento da diferença social, o que não chega a ser unânime. “aqui é outro mundo, não tem nada a ver com o meu, é difícil misturar.” disse um aluno da manhã. Muitos bolsistas parciais apontam para características individuais que favorecem a integração com não bolsistas. “eu

sou muito comunicativa então não tive muita dificuldade de fazer amizade não, mas também saio muito pouco com o pessoal daqui.”. Outras características individuais citadas como facilitadoras nas relações pessoais dentro do corpo docente foram: “despachado”, “desinibido”, “se a bolsista for boa aluna é mais fácil de integrar com o resto” e “beleza física”.

As respostas registradas apontam que a relativa segregação entre integrantes dos grupos arrefeceu desde 2010. Os alunos sem bolsa ainda se mostram mais hesitantes em indicar a condição dos colegas. No turno da manhã conversei com dois grupos de amigos, um de cinco e outro de quatro pessoas, que eram formados só por pagantes. Tais observações me fazem questionar se a falta de informação dos não bolsistas a respeito do *status* dos amigos não se deve ao fato de suas redes imediatas serem formadas apenas por pares.

6.2.2 Saídas extraclasse

Tal ponto é determinante para reforçar a coesão dos grupos de afinidade, e sofre grande influência de fatores financeiros e geográficos, favorecendo os alunos sem bolsa.

Dos quatorze bolsistas cinco afirmaram não ter qualquer contato com colegas fora da Faculdade. Algumas respostas anotadas: “eu não saio com o pessoal daqui, não tenho grana pra isso.” de um bolsista integral da noite. Resposta similar veio de uma aluna bolsista integral da noite “até saio, mas poucas vezes tenho dinheiro”. Poucos bolsistas disseram frequentar locais próximos à Faculdade e os que o fazem costumam sair apenas para tomar cerveja com colegas. “Os bolsistas precisam se adequar aos rolês da zona sul para sair com os colegas daqui” aponta um bolsista parcial da manhã. O centro de Belo Horizonte foi o lugar mais citado de saídas extraclasse.

Uma das respostas mais registradas foi àquela relativa aos locais frequentados na noite por pagantes integrais. “eu sou mais de boteco, o povo daqui só quer saber de chulé.” disse uma bolsista parcial da noite. “os meninos daqui vão muito no chalezinho, eu nunca fui lá” ponderou outra aluna da mesma condição. Escutei a palavra chalezinho (ou chulé) em pelo menos dez entrevistas com bolsistas que se referiam à balada preferencial dos pagantes.

Trata-se de uma casa noturna que se instalava exatamente embaixo da Faculdade, mas que mudou para o bairro Burity alguns anos atrás. Ela carrega a fama de ter como público majoritário jovens de alta renda, perfil compatível com muitos alunos sem bolsa. Nenhum bolsista disse já ter ido lá (não era uma pergunta específica, mas quando questionava as saídas extraclases esses comentaram sobre a preferência de alunos não bolsistas). A reiteração dessa resposta me faz crer que o estereótipo ou o “aluno ideal” sem bolsa da Faculdade frequenta o chalezinho. “O povo sem bolsa é topzera, gosta de ir em escarpas e no chalezinho e tomar champagne” disse uma aluna com bolsa parcial da noite.

Alguns dos lugares frequentados por alunos sem bolsa são bares na região da Savassi (zona sul) e bares na Vila da Serra (Avenida principal do bairro da Faculdade). Seis alunos afirmaram que de fato frequentam o Chalezinho, dois da noite e quatro da manhã, duas mulheres e quatro homens.

6.2.3 Características distintivas

Uma pergunta crucial nas entrevistas diz respeito à possibilidade de distinção entre alunos bolsistas e não bolsistas. Não estabeleci qualquer parâmetro de referência, de modo que cada estudante respondia como queria e exaltava a característica distintiva que lhe parecia mais óbvia.

As respostas variaram entre “não sei distinguir”, padrão mais comum entre não bolsistas, e “é muito fácil distinguir, dá para acertar uns 95%”. Alguns bolsistas enfatizavam a diferença e apontavam para a obviedade da distinção.

O presidente do D.A. afirmou “hoje em dia é muito difícil distinguir, tem muitos bolsistas e muitas modalidades de bolsa. Acho que tem mais negro atualmente por causa das bolsas. Acho que todos os negros tem bolsa. Mas também rola uma dificuldade de distinguir raça.” Entre alunos não bolsistas dois se declararam negros, mesmo número dos bolsistas integrais, cuja amostra era quase três vezes menor. A questão racial como fator distintivo surgiu em outras entrevistas, como a de um bolsista integral pardo da noite.

“eu nunca vi negros no período da manhã. Teve até um episódio em que eu acabei sendo racista sem querer. Estava conversando com

um negro e acho que associei a cor da pele com a condição social dele, aí perguntei qual tipo de bolsa que ele tinha. Aí acabou que descobri que ele não era bolsista, fiquei com vergonha. Mas a maioria dos negros acho que é bolsista mesmo, só não me arrisco a julgar sem saber de novo.”

Um aluno não bolsista da noite afirmou que todos os bolsistas que conhece são negros. Uma bolsista integral declarada negra se arriscou a falar do percentual de alunos negros na Faculdade, que giraria “entre cinco e dez por cento só”. Alguns alunos nos dois grupos disseram não relacionar raça com a condição de bolsista.

Uma aluna parda, bolsista parcial da manhã, fez uma observação interessante:

“Uma das coisas que dá para distinguir aqui é sobrenome. Tem muita gente de família tradicional, principalmente no direito. Aí quando tem aquelas aulas com apresentação os professores falam: “ah, você é parente de fulano? Sou, é meu tio.” Sabe essas coisas assim? É muito comum e nunca vi acontecer com bolsistas.”

Outro ponto que apareceu mais de uma vez foi a distinção por características de personalidade atribuídas aos estudantes sem bolsa. Os entrevistados pensam menos em um “estereótipo” de bolsista (ou ao menos não falam a respeito). Porém, esse é um grupo mais heterogêneo quanto a várias características como raça, status socioeconômico e idade, entre outras, porquanto mais difícil de caracterizar enquanto grupo. “Mais introvertidos” e “tímidos” foram características ressaltadas por uma bolsista parcial e um pagante integral, ambos da noite. Algumas diferenças foram levantadas quanto ao comportamento dos bolsistas na Faculdade. Um aluno pagante integral da manhã afirmou que “não vejo bolsista se impondo em sala de aula, falando mais, respondendo professor” e uma aluna parcial da noite apontou “bolsistas falam pouco em aula, especialmente os mais novos tem problema pra falar.”

Em contrapartida, alguns adjetivos usados para descrever alunos sem bolsa se repetiram tanto, entre todos os grupos, que é possível pensar em um tipo ideal: “playboy”, “filhinho de papai” e “patricinha” ou “Patty” foram os mais comuns. Outra resposta repetida foi “vivem na bolha deles”, tal como “nunca lavaram uma vasilha na vida.”.

Sobre os relacionamentos entre integrantes dos grupos algumas respostas obtidas foram “o povo sem bolsa olha estranho para nós e não interagem muito. Já vi gente zoando por causa da classe social e dos lugares que frequenta,” de uma bolsista parcial da noite.

Quatro bolsistas fizeram afirmações parecidas com a destacada abaixo, sobre como os colegas mais ricos ostentam menos suas posses do que outros não bolsistas:

“O povo rico, rico mesmo, até que é de boa, não gostam de esnobar muito. Mas tem outros que nem tem tanto dinheiro e são muito metidos, não dá para relacionar. O legal é que muitos desses alunos mais ricos ficaram mais humildes convivendo com a gente. Eles se adequam, mas não totalmente.”

Destaco também a fala de uma aluna bolsista parcial da manhã: “até convivo porque não tem jeito, maioria do povo tem um perfil elitista. Em geral não dá problema, mas já vi menino zoando a condição financeira de colega, menina falando mal de aparência.” e ainda “tem muita gente de classe média que se acha muito rico, esses são ainda piores. Mas no final acho que a mistura foi boa para todo mundo.”.

Posses materiais e “estilo” (quanto ao visual) foram as respostas mais corriqueiras sobre as possibilidades de distinção. “os estilos de roupa principalmente mudam muito, aqui tem muita ostentação, principalmente das meninas com roupa e meninos com carro.” disse uma bolsista integral da noite. “muito diferente, os cortes de cabelo, o jeito de andar, as roupas que usam. Pra mim foi um choque cultural, tive até receio da minha trajetória, do lugar de onde venho.” Afirmou um bolsista do mesmo turno. “muda a forma de vestir, de comportar, os produtos que consome, tem muita menina com bolsa de grife por exemplo.”, “quem não tem Iphone sofre preconceito.”, “as roupas, o jeito de agir, de se portar, tudo pra aparecer mais.” e “galera toda tem Iphone, carro bom e tal” foram outras respostas registradas. Nesse tópico ninguém mencionou posses ou “estilo” dos bolsistas além de uma aluna “eu me visto com roupa de loja de departamento e aqui todo mundo usa marca” e um aluno não bolsista “os bolsistas vem mais de ônibus pra cá, o resto costuma ter carro.”.

Duas alunas descreveram o que acreditam ser o “estereótipo” do aluno da Faculdade. A primeira, bolsista parcial da noite, parda:

“as meninas são patricinhas chatas que só usam roupa de marca e excluem quem é diferente. Os meninos são aquele tipo que gosta de malhar e mostrar, então sempre vem com aquelas camisas apertadas para mostrar os músculos. Ainda tem uns que gostam de acelerar o carro no estacionamento só para chamar atenção pro carro que tem. E todos são brancos.”

E a segunda, não bolsista branca da manhã: “As meninas? Loiras, de olho azul, metidas, insuportáveis com o nariz em pé.”

Relato ainda o que uma aluna branca sem bolsa da manhã comentou, deixando claro que através de poucas conversas é possível distinguir, especialmente quando os assuntos abordados se relacionam ao consumo material ou ao “estilo de vida”: “eu já ouvi um menino falando que ia para Escarpas de helicóptero, outro que foi ficar uma semana na casa dele em Miami. Esses a gente sabe que não são bolsistas.”. Enquanto sentado na arena fazendo minhas anotações escutei caso semelhante de um homem sentado alguns degraus acima. Ele ofereceu para um amigo uma viagem de um final de semana para Florianópolis. “É muito longe para ir ficar só um fim de semana” retrucou o convidado. A resposta foi algo como “tem problema não, tem um hangar liberado pro meu avô, a gente pode ir no avião dele.”.

6.2.4 A distinção entre turnos

Outra resposta muito frequente, apontada em quase todas as entrevistas, diz respeito à distinção entre estudantes do turno da manhã e da noite. Como já relatei minhas impressões quanto ao tema em outra sessão, transcrevo algumas opiniões que ajudam a elucidar a diferença:

“De noite é difícil apontar quem é bolsista, de manhã é muito mais claro a diferença. Tem muito mais panelinha.” disse um aluno não bolsista da noite. “O pessoal da manhã acho que é mais esnobe, mas maioria ainda é muito jovem” respondeu uma bolsista integral da noite, cuja opinião coincidia em parte com uma bolsista parcial do mesmo turno: “são muito mais novos de manhã, maioria não trabalha, não tem preocupação com sustento.”. Duas amigas bolsistas parciais da noite que conversaram comigo ao mesmo tempo disseram: “de manhã dá para distinguir quem é bolsista, tem muito rico. De

noite tem mais gente do interior e bolsista.” e “de manhã dá para ver mais as Pattys, notar os filhinhos de papai.”. “De manhã só tem não bolsista, galera chata, de direita. Parece uma turma do (colégio tradicional da zona sul de Belo Horizonte cujo nome será omitido)” disse um não bolsista da noite. Entre alunos da manhã uma aluna não bolsista afirmou “acho que de noite tem mais bolsista, mais gente que trabalha” e outra “eu não consigo distinguir, mas outros alunos já me contaram que são. De manhã é mais difícil.”.

6.2.5 O “mito” e as músicas

Nesse tópico cheguei a conclusões interessantes. As músicas consideradas mais ofensivas dentre as anteriormente citadas não são mais cantadas em eventos como os Jogos Jurídicos, isso é um fato. Um integrante da Associação Atlética não bolsista da manhã afirmou:

“Hoje em dia a “Baterrica” tá desarticulada, não tem muito ensaio mais. A gente ainda canta mas não é aquela coisa grande que já foi. As músicas mais pesadas nós paramos de vez. Teve muita reclamação de gente de dentro e de fora, já tava desgastado. Ai teve um Jogos que o povo do (nome de outra faculdade participante dos Jogos, suprimido) confeccionou uma camisa pesadíssima e deixou todo mundo constrangido, deu até policia. Ai a Liga reuniu e decidiu que ia começar a punir quem cantasse coisa com racismo, homofobia, machismo, essas coisas.”

Ao contrário do meu tempo de estudante, nenhum entrevistado exaltou ou defendeu as músicas antigas, nem afirmaram se tratar apenas de uma brincadeira inocente. Dentre os que disseram as conhecer, menos da metade da amostra total, a reprovação foi unânime. A aluna bolsista de Angola foi a mais enfática em exaltar quão ofensivas são as letras: “eu conheço sim, já vi num grupo de zap. É muito, muito ofensivo, ainda bem que parou”. No entanto, uma aluna bolsista parcial da noite, que foi nos Jogos desse ano, disse que algumas músicas do passado ainda são entoadas em ambientes mais reservados, como o ônibus para os Jogos e festas particulares.

A particularidade aqui é que entre os que ainda sabiam cantar essas canções, quase todos dispensavam bolsa e maioria é do turno da manhã. Passa a impressão que essas continuaram se propagando, mas de maneira mais discreta, majoritariamente entre aqueles cujo perfil é mais parecido com o da maioria dos alunos antigos. Talvez por serem esses os frequentadores mais assíduos de eventos dessa natureza, mas acho que vai

além, como se houvesse um acordo tácito de que os hinos só podem se repetir entre eles.

Uma aluna não bolsista do décimo período da manhã disse que em um dos Jogos que foi, no começo do curso, presenciou o Urso (mascote da Atlético da instituição) com um bolo de notas de cinquenta reais, que ficava mostrando quando passava em frente às torcidas adversárias e distribuindo notas dobradas como “aviões” para a torcida da Faculdade.

Atualmente são entoados “cantos comuns, de torcida mesmo, tipo futebol” que não exaltam mais a riqueza e as posses dos alunos. Como disse o presidente do D.A. “pagar de rico não está mais na moda.”.

6.2.6 Táticas de integração e fachadas

A resposta mais ouvida sobre possíveis esforços para maior integração entre estudantes dos grupos distintos é “nenhum”. O padrão era mais ou menos o que expôs uma aluna sem bolsa da manhã: “Ah, acho que não fiz nada para integrar, só fui eu mesma. Quem eu crio afinidade sendo eu mesma eu integro, quem não cria eu integro menos.”. Nenhum aluno não beneficiário afirmou ter feito adaptações estéticas ou de personalidade para se relacionar melhor com os colegas. Mas aqui vale lembrar que muitos dos não bolsistas negam a possibilidade de distinção ou dizem não se importar com o *status* dos colegas. Os exemplos de iniciativas citados por esse grupo foram institucionais (como desconto ou isenções de pagamento para bolsistas em determinados eventos) ou pedagógicos “no começo do curso se eu achasse que alguém estava tendo maior dificuldade com a matéria eu tentava ajudar, algumas amigas bolsistas que tenho até hoje conheci assim, estudando junto.” disse uma aluna não bolsista da noite.

Essa pergunta se mostrou uma das mais sensíveis e sinto que muitas pessoas se esquivaram dela, já que implica concessões pessoais em termos materiais, estéticos e de personalidade. Entre os bolsistas obtive mais respostas, mas ainda assim era uma questão com baixo rendimento de dados.

Pergunto-me como Erving Goffman conseguiu fazer um trabalho tão rico explorando muitos aspectos íntimos da personalidade dos

entrevistados. Foi dele que tirei a ideia de que a inserção de bolsistas na Faculdade geraria rupturas de fachadas e representações cínicas buscando melhor integração, principalmente de bolsistas para com o outro grupo.

Se Elias usa a metáfora do jogo para explicar as configurações, Goffman usa a representação teatral como perspectiva análoga às interações humanas. Toma-se a Faculdade como um estabelecimento social “lugar limitado por barreiras estabelecidas à percepção, onde se realiza regularmente uma forma particular de atividade.” (GOFFMAN, 1985, p. 218). Dentro de suas paredes cada aluno representa, ou atua diante de outros alunos numa relação de influência mútua (GOFFMAN, 1985). A representação individual revela as fachadas “equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação.” (GOFFMAN, 1985, p. 29).

Fachadas servem como preditores de expectativa de uma plateia para com o indivíduo em representação. Antes da adoção do PROUNI na Faculdade era possível contemplar a existência de uma fachada social do corpo discente, que apresentava coesão entre o ambiente e as fachadas individuais dos alunos. Penso que a entrada de bolsistas oriundos de classes sociais mais baixas pode gerar um estranhamento capaz de gerar conflitos entre a aparência, estímulos que revelam o status social do ator (GOFFMAN, 1985), e o ambiente, que cultivava a expectativa de ser frequentado por indivíduos específicos (aqueles que podiam pagar a alta mensalidade). Esse conflito poderia ser entendido como responsável pela criação de grupos distintos em acordo com suas fachadas sociais.

Os alunos bolsistas podem recorrer à idealização positiva como mecanismo para se mesclar na representação coletiva dos pagantes integrais. Nesse caso pode emergir uma atuação cínica, onde o próprio ator não crê na fachada apresentada (GOFFMAN, 1985).

Infelizmente, apenas dois entrevistados admitiram recorrer a uma idealização positiva para interagir melhor com colegas sem bolsa. Disse um integral da noite:

“Nossa, eu tive que mudar muito para me adaptar aqui. Primeiro meu jeito de falar. Tem algumas expressões que são ofensivas para mim e muitos alunos aqui usam, e algumas expressões que eram comuns para mim que ninguém aqui fala. Quase briguei com um cara que hoje é meu amigo por isso. Ele me falou uns palavrões que eu não tava acostumado, mas porque pra ele é normal, sem intenção de machucar. Antes também eu era muito despojado, usava boné, regata, chinelo, agora já tô com umas blusas polo, mais arrumadas.”

E um parcial:

“Primeiro que para sair com esse pessoal você não gasta menos de três dígitos né. Aí eu ficava guardando o mês todo e saia duas vezes com os colegas daqui. Se você não adapta seu vestuário nenhuma mulher olha pra você. Aí eu mudei um pouco meu estilo, tenho menos cara de periferia e tô mais boy.”

6.2.7 Estigmas

Outro tema em que fui inspirado por Goffman na condução das entrevistas, embora Elias também trabalhe o conceito. A sociologia goffmaniana serve como apoio ao estudo das interações entre indivíduos em nível microssociológico.

O termo fora cunhado em antigas sociedades gregas e se referia a sinais corporais que eram feitos em indivíduos como forma negativa de distinção baseada em valores morais. Era uma marca que denotava que seus portadores (traidores, bandidos, etc.) deveriam ser evitados pelo restante da população. O estigma é um atributo que afeta as relações sociais, sendo seu portador um indivíduo que não supre as expectativas de determinado grupo. Goffman classifica os estigmas em corporais, relacionados a deformidades físicas; estigmas tribais de raça, nação e religião, que são transmitidos por linhagem e contaminam toda a família; e estigmas de caráter individual (GOFFMAN, 1988).

Durante minha experiência enquanto aluno costumava pensar no colega bolsista como estigmatizado, e alguns dos depoimentos de contemporâneos trazidos aqui corroboram com essa tese. Mesmo que maioria dos alunos sem bolsa negasse a distinção, as entrevistas com bolsistas revelam que havia certo nível de segregação entre os grupos e que esse quadro não se associa apenas à condição de bolsista, mas também ao fator raça.

O estigma do bolsista poderia ser perceptível aos outros ou não. No primeiro caso, o indivíduo dito desacreditado sofre os efeitos de seu estigma nas relações sociais. Ocorria com alguns alunos que não eram, por exemplo, convidados para festas ou eventos sociais promovidos por alunos não bolsistas. Quando o estigma não é imediatamente perceptível o sujeito torna-se desacreditável, estando a mercê de uma possível revelação que pode abalar suas relações sociais. Penso que é o caso de alguns colegas que não revelaram sua condição de bolsista durante o curso, e conheci alguns enquanto pesquisava entre meus contemporâneos.

No entanto, surpreende-me constatar que a estigmatização verbalizada mudou de lado. Ainda que os grupos de afinidade tendam a se agrupar mais entre pares de condição quanto à mensalidade, as “marcas negativas” citadas como comuns no corpo docente fazem referência ao estereótipo do aluno sem bolsa. Isso não quer dizer que não haja estigmatização dos pagantes para com características comuns dos bolsistas, mas essa é velada e não foi falada em nenhuma entrevista. Exemplo contrário apareceu em vários comentários, inclusive de pessoas que dispensam bolsa, mas estigmatizam o tipo ideal do aluno “playboy”.

Alguns comentários nesse sentido: “esse povo mais riquinho daqui não dá nem pra conversar, todos tem a cabeça muito pequena e virada pro próprio umbigo.” de uma aluna não bolsista da manhã, “como que dá rolê com um povo boy desse jeito?” questionou um aluno bolsista parcial da noite, “provavelmente eu nunca vou sair com as meninas daqui porque as Pattys não saem para lugares mais alternativos.” de uma não bolsista da noite, “eles velaram o conteúdo das músicas, mas a mentalidade permanece a mesma de quem fez” por uma aluna sem bolsa da noite, e “se você não for boy como eles nem te dão ideia”, de um bolsista parcial negro da manhã.

6.2.8 A opinião de professores e funcionários

Dois funcionários da Faculdade foram questionados sobre a possibilidade de distinguir alunos com e sem bolsa. O primeiro, secretário do setor de reprografia, não soube opinar, disse que nunca reparou e ninguém jamais lhe falou algo a respeito. O segundo, porteiro, disse que não tem uma

“fórmula” para distinguir integrantes dos grupos, mas que já percebeu que existem diferenças de vestuário e veículos automotores entre os alunos.

Além da possibilidade de distinção os professores foram perguntados sobre eventual diferença no rendimento acadêmico dos alunos e uma docente que exerce um cargo na Comissão de Acompanhamento do PROUNI falou sobre outros pontos relativos à relação institucional com os bolsistas.

Um professor que leciona a disciplina “Direito tributário” nos dois turnos assim se manifestou:

“Olha, se você comparar quando eu comecei a dar aula aqui dá para afirmar claramente que antes os alunos tinham um perfil mais uniforme e agora dá para ver algumas diferenças entre eles. O rendimento geral continua o mesmo desde que comecei, nunca reparei mudanças. As turmas da manhã costumam ser um pouco acima, mas tem que levar em conta que muita gente que estuda a noite trabalha também. Isso é assim desde sempre. Acho que até dá para distinguir entre quem tem bolsa ou não, mas particularmente eu nunca prestei atenção nisso a ponto de falar que fulano é bolsista e beltrano não. Mas acho que o jeito de se vestir é diferente, acho que maioria dos bolsistas tem trabalho fixo e não estágio e a maior diferença que percebi é que atualmente tem mais negros e pardos aqui, principalmente à noite.”

Vale pontuar que a matéria do referido professor é ofertada na segunda metade do curso, mais perto para o final, o que pode justificar o desempenho similar entre os grupos uma vez que existe uma “seleção” entre aqueles que evadem e os que concluem o curso, e nessa fase, em tese, os bolsistas já teriam superado as dificuldades iniciais com conteúdo.

A professora de “Direitos humanos”, que também leciona nos dois turnos, mas no começo do curso, assim diz:

“Não tem muito tempo que dou aula aqui, então desde que eu comecei pouca coisa mudou em relação à composição dos alunos. Posso dizer que de noite tem uma variedade social maior, percebo que os alunos são mais esforçados, a média de idade é mais alta, muitos trabalham o dia todo. Na primeira aula eu sempre me apresento e peço para os alunos fazerem o mesmo, então alguns falam que são bolsistas. Tento me manter sempre disponível para ajudar se algum tiver maiores dificuldades, mas é raro que me procurem. A minha matéria não é difícil e eu quase não reprovoo. Converso muito com meus alunos e sei que alguns são bolsistas, mas é raro que falem a respeito disso. Em correção de provas dá para ver que alguns alunos têm mais bagagem de leitura e redação do que outros, acho que essa é a diferença que mais percebo. Se

quiser rotular por aparência você pode cair em ciladas e por isso é melhor evitar, mas isso também é um ponto, cor da pele é outro.”

A professora de Economia, que leciona nos dois turnos e também no início do curso, além de ser membro da Comissão de Avaliação do PROUNI, relatou:

“Bolsistas integrais não são tantos assim, e eles são os mais fáceis de distinguir porque tem comprovação de renda e realmente a diferença financeira é muito grande em relação aos outros. Mas são os melhores alunos da Faculdade, têm médias ótimas, a melhor aluna que formou semestre passado era bolsista integral do PROUNI. Dá para distinguir o jeito de falar, de vestir, até de escrever, mas claro, só dá para ter certeza mesmo se perguntar né. O rendimento geral dos PROUNISTAS, tanto de cinquenta quanto de cem por cento de bolsa é melhor do que a média do resto dos alunos. Quem tem dificuldade no começo do curso pode procurar a Comissão que a Faculdade oferece toda uma estrutura para ajudar, desde aula de reforço, empréstimo de materiais, estamos montando uma parceria para oferecer cursos de língua como extensão. A taxa de evasão dos bolsistas é praticamente a mesma dos outros alunos, a gente consegue segurar quase todos que realmente querem estudar. Se os bolsistas parciais tiverem problemas financeiros para continuar estudando a gente faz o possível para negociar de modo que fique tranquilo para eles pagarem, às vezes algum aluno fica abaixo da média exigida, mas a gente sabe que o aluno é bom e que perdeu nota por razões alheias, a gente conversa, não faz o desligamento automático. Tem toda estrutura para todos os alunos aproveitarem a faculdade de maneira igual.”

O relato aqui transcrito contradiz várias afirmações colhidas em entrevistas, sobretudo quanto ao suporte pedagógico oferecido pela Faculdade e as taxas de evasão dos alunos bolsistas.

6.2.9 Considerações sobre gênero

Um tópico com poucas e breves respostas, mas cujos dados revelaram um fato interessante. Apenas uma entrevistada não bolsista, da noite, teceu comentário sobre as relações de gênero na Faculdade: “Aqui é um ambiente muito machista, inclusive as mulheres são muito machistas, principalmente da manhã.”

Os relatos de alunas bolsistas são transcritos a seguir: “maioria das minhas amigadas aqui é com homem, as meninas são cheias de mimimi e sempre deboçam de outras meninas mal vestidas.”, “muito machismo, principalmente dos professores. Até as meninas são muito machistas.”, “é muito machista, principalmente os que não têm bolsa.”

“aqui rola muito machismo, essas brincadeiras bobas de homem, aquele negócio todo com carro. Mas não relaciono isso com nenhum grupo, acho que preconceito é mais pessoal mesmo. Em geral os homens são muito mais fáceis de interagir do que as mulheres, porque julgam menos. Eu já ouvi muito comentário ruim dessas meninas mais patricinhas, tipo que a roupa daquela menina parece de puta, coisas assim.”

“os boys aqui são muito machistas, do tipo que te interrompe sempre, quer explicar tudo. É, tipo mansplaining e maninterrupting. Tenho uma amiga que já sofreu assédio de professor. Uma outra amiga minha, negra, fica sempre se regulando em sala de aula porque tem aquela fama de que mulher negra é barraqueira, fala alto. Aí ela quase não fala.”

Só uma entrevistada fez relação direta entre machismo e os grupos bolsistas/não bolsistas. A distinção entre turnos apareceu duas vezes, tal qual reclamações sobre o comportamento de professores homens. Quatro alunas apontaram que as próprias colegas reproduziriam machismo. Mas o que chama mais atenção é o silêncio de alunas não bolsistas quanto à questão, o que sugere que as bolsistas são mais vulneráveis nas relações de gênero ou que não naturalizam comportamentos aceitos por parte das alunas bolsistas.

6.2.10 Considerações sobre raça

As tensões raciais renderam mais comentários do que as relações de gênero. Primeiro porque muitos entrevistados fazem uma relação direta entre raça e status socioeconômico, o que leva a respostas como: “Acho que tem mais negro atualmente por causa das bolsas. Acho que todos os negros tem bolsa.” de um estudante sem bolsa da noite. Outro aluno pagante do mesmo turno foi mais comedido na resposta: “todos os negros aqui que eu conheço são bolsistas.”. Outras falas que supõem tal associação foram transcritas em tópico anterior.

Uma aluna bolsista parcial da noite foi a única a apontar um ponto muito relevante “acho que aqui não tem nenhum professor negro.”.

A comparação histórica entre os dois tempos prova que o número de alunos matriculados declarados negros aumentou muito. Na minha amostra dois homens não eram bolsistas, ambos da manhã, e afirmaram nunca ter sofrido ou presenciado qualquer forma de discriminação racial. Entre os bolsistas algumas respostas foram: “Racismo direto nunca sofri, mas rola aquele velado, tipo quando a pessoa não olha para você, quando parece que

tem medo de chegar perto. Isso tem demais aqui.” e “tem uma segregação velada. Muita gente racista que não fala ou ofende, mas que também não se reúne com os “diferentes” de um homem e uma mulher, bolsistas integrais. Impossível não reparar que a combinação da raça com o *status* de bolsista tem um impacto na percepção do racismo nas relações pessoais dentro da amostra pesquisada.

Outro ponto a se considerar na comparação histórica é que alunos negros do passado relataram casos de racismo em que foram vítimas diretas (manifestações explícitas, não veladas), ao contrário dos atuais. Uma evolução, apesar do longo caminho a ser ainda seguido.

Vários alunos declarados pardos ou brancos expuseram casos de racismo, mas em narrativas terceirizadas, que ouviram falar. Chamo atenção para alguns: “já vi soube de uma menina que falou para minha amiga sobre um colega nosso “tô chocada com o tanto que ele é preto”” contou uma bolsista parcial da noite, “já presenciei um bate boca que quase deu briga porque um menino branco tava argumentando que cota racial não é igualdade, é privilégio, ai geral ficou puta, eu inclusive, mas tinha um menino negro que queria matar o cara.” relatou uma bolsista parcial da manhã. “Aqui tem preconceito de tudo que é tipo, racial, de gênero, orientação sexual, pode escolher.” disse um aluno não bolsista da noite cuja opinião é similar a uma aluna sem bolsa da manhã “racismo e homofobia é aqui mesmo.”. Outro aluno não bolsista da noite narrou:

“teve um professor que implicou com uma aluna negra que foi da minha sala, e maioria da turma era branca, então me deu impressão de racismo. Eles chegaram a discutir de forma áspera e ele disse que ela não ia passar na matéria. De fato não passou.”

Ainda que a pergunta não constasse no roteiro original a questão da distribuição de cotas e bolsas por critérios raciais e sociais foi discutida em várias conversas. Nessa amostra menor me impressionou constatar que ninguém, independente de raça, gênero, turno de estudo ou recebimento de bolsa, se revelou contra políticas de salvaguarda social. Quatro alunos se mostraram contra o critério racial, dois em cada turno, três homens e uma mulher, um bolsista integral, um pagante integral e um casal de bolsistas parciais, dois declarados pardos e dois brancos.

6.2.11 Relatos de incidentes relacionados à condição de bolsista

Por fim, apresento alguns relatos coletados sobre situações em que ficou evidente a condição do aluno de bolsista ou não.

Três alunos narraram o caso que aqui transcrevo nas palavras do presidente do D.A.:

“já vi preconceito direto de uma professora. Ela disse em sala que o nível da Faculdade caiu demais depois que colocaram um ponto de ônibus aqui do lado. Como muitos alunos andam de ônibus e alguns bolsistas se incomodaram com o preconceito de classe dela, fizeram uma carta para diretoria com reclamação e ela até chegou a se retratar, mas saiu no semestre seguinte.”

Outro caso contado por mais de um entrevistado foi de uma professora que disse algo como: “é bom ter bolsa aqui porque pelo menos a gente vê se estudando esse povo aprende a votar né?”. Essa foi afastada posteriormente após outro caso de discriminação, esse contra nordestinos por um post em rede social.

Três alunos lembraram-se de um caso ocorrido em discussão de uma aluna bolsista com a então diretora da Faculdade, que teria lhe dito que como bolsista ela teria que se empenhar mais, que não poderia fazer o que quisesse lá só porque não pagava mensalidade.

Um aluno bolsista integral da noite disse:

“o dia que eu mais me senti desprezado na vida foi um dia que encostei no ombro de uma menina daqui sem maldade nenhuma e ela primeiro se assustou e suspirou e depois fez a pior cara de desaprovação do mundo e saiu andando. Eu tinha acabado de chegar e não sabia o tanto que essas meninas daqui são tão reservadas.”

De uma aluna bolsista integral da noite: “um dia contei para umas meninas da sala sobre um crime que tinha acontecido no meu bairro. Primeiro nenhuma delas sabia onde é e depois uma ainda veio me perguntar se eu morava em favela.”

Uma aluna sem bolsa da manhã fez dois relatos: “Teve uma menina que comentou com um bolsista que tirava boas notas “nossa, ainda bem que a gente paga sua bolsa né?”” e “falta reconhecimento de privilégio para o pessoal sem bolsa, acredita que um dia uma menina perguntou numa

roda quanto era o salário mínimo? A gente zoou ela e ela falou “ah, deixa pra lá, não paga nem esse sapato mesmo.””.

Outro a contar dois casos, que redijo por último, foi um pagante integral da noite: “teve uma vez que uma menina bolsista atrasou a devolução de um livro que tava reservado e quando foi cobrada disseram que bolsista não pode fazer isso.” e “ouvi uma menina falar que a Faculdade é de quem paga e que os bolsistas são só agregados.”

7 CONCLUSÃO

As rivalidades universitárias que se materializam em ofensas contra tipos ideais relacionados ao corpo discente de cada faculdade não são mais como dez anos atrás, o que é um fenômeno nacional e não apenas mineiro. Episódios paradigmáticos como as injúrias raciais no Rio de Janeiro e a camisa usada por alunos de uma faculdade em Belo Horizonte levantaram o debate acerca dessas dinâmicas de estigmatização e várias ligas esportivas estão proibindo práticas afins.

Pessoalmente, após ter testemunhado duas iniciativas diferentes de “democratização” do ensino superior, mudei minha opinião em relação ao PROUNI. O REUNI trouxe alguns problemas estruturais para a faculdade federal em razão do súbito aumento no número de alunos, mas garantia algumas modalidades de assistência estudantil e a grande heterogeneidade do corpo discente não deixava espaço para muitos conflitos entre classes, raças ou gênero. Já o PROUNI me soava como uma forma das instituições privadas aumentarem seu lucro jogando pessoas em um ciclo social totalmente distinto e sem qualquer forma de assistência ou política de permanência. Hoje, apesar dessa realidade não me parecer ter mudado, valorizo ainda mais o efeito positivo da integração de pessoas com origens e trajetórias distintas. Tanto para o não bolsista que passa a ter contato com realidades diferentes e expande seus horizontes intelectuais, quanto para os bolsistas que recebem a chance de acumular capitais de difícil assimilação em seus espaços sociais de origem.

É difícil trabalhar com poucas hipóteses prévias e esperando que a coleta de dados aponte um norte. Por várias vezes me sentia confuso com um acumulado de informações que não parecia dizer nada, por momentos não entendia como tudo isso poderia criar coerência para virar uma dissertação. Organização e paciência parecem ser o caminho. Ao final acredito ter exposto algumas hipóteses razoáveis sobre o campo frequentado, como ensina Bertaux em seu processo etnosociológico.

Minha ideia inicial era apresentar uma amplitude maior de técnicas metodológicas, de modo a tornar mais complexa à noção do leitor sobre as relações sociais no corpo discente da Faculdade. Foi considerado o estabelecimento de grupos focais que pudessem debater e contrapor pontos de vista de integrantes de cada grupo, e a realização de entrevistas em profundidade, para relacionar trajetórias de vida ao contexto estudado e apresentar relatos mais pessoais e cronológicos, como uma forma de “conhecer” o indivíduo integrante de cada grupo. A escolha pela metodologia aplicada se justifica pela possibilidade de descrever um panorama mais geral sobre a composição e a interação dos e entre os grupos, aliada ao prazo exíguo concedido para escrita.

A divisão entre não bolsistas, bolsistas parciais e bolsistas integrais segue uma lógica semelhante a uma divisão entre classes sociais, hierarquizada de acordo com posses materiais. Sendo assim, os bolsistas parciais que se posicionam no meio dos outros grupos apresentam maior facilidade para se integrar com um ou outro, enquanto o maior abismo entre não bolsistas e integrais confere mais entraves para o estabelecimento de relações duradouras entre esses. Vale ressaltar que quando o fator raça se soma à condição de bolsista as relações se afastam ainda mais. Porém, o capital financeiro é apenas um dos fatores distintivos.

Levando em conta a economia dos bens simbólicos, tratada por Bourdieu, o posicionamento social dos alunos está em constante mudança. Tomando o exemplo de um estudante bolsista que entra na faculdade na base da hierarquia quanto à assimilação de capitais adequados ao campo. Até o oitavo período esse pode acumular mais capital cultural do que outros atores e se reposicionar. Talvez não seja o bastante para lhe posicionar no “topo da pirâmide”, mas foram apresentados casos em que o desconforto inicial, especialmente quanto às dificuldades pedagógicas e a sensação de não pertencimento, foi dissipado. Além disso, a assimilação de capitais oriundos das relações na Faculdade deve valer também o seu reposicionamento ascendente no espaço social que mais o define, “aquele em que nos sentimos em casa”. O autor explica também como o *habitus* e a diferença no acúmulo de tipos diversos de capital tem alta influência na socialização entre membros de

grupos distintos. A coincidência entre espaço físico e social favorece principalmente a adaptação de alunos sem bolsa, que também trazem consigo capitais mais valorizados no campo em destaque. Financeiro, por razões óbvias, cultural, porque muitos desses estudantes tiveram mais acesso a manifestações culturais e a escolas melhores, social, por muitas vezes encontrarem redes previamente estabelecidas ao entrar na Faculdade, e simbólico, como um reconhecimento de *status* que perpassa o acúmulo das outras modalidades de capital. Os exemplos citados demonstram que alguns bolsistas conseguiram acumular capitais de modo a conseguir uma melhor integração com o outro grupo, o que torna a experiência de estudar lá menos “penosa” do que apontam os relatos das primeiras turmas de bolsistas. Mas outros fatores distintivos que o autor aponta seguem presentes e facilmente observáveis, como as distinções estéticas e de vestuário e as incompatibilidades de gosto e estilo de vida. Bourdieu também serve para embasar minha teoria sobre a nova composição do corpo discente. Dado que as classes mais altas sempre procuram se distinguir das menos favorecidas, parece crível afirmar que a Faculdade perdeu parte do seu potencial distintivo ao aceitar estudantes bolsistas. Isso afeta o *status* da instituição enquanto engrenagem de reprodução social, uma continuação na trajetória escolar que valoriza determinado *habitus* de classe e naturaliza a dificuldade de indivíduos oriundos de outras classes como se fosse um problema individual e não social. Se em alguma medida a nova configuração da Faculdade está progressivamente desacelerando a engrenagem de reprodução social, concluo que os programas adotados cumprem bem sua função. Resta saber se com a gradual perda de prestígio entre as altas classes a Faculdade se manterá financeiramente viável no futuro.

Lahire contesta Bourdieu afirmando que uma abstração generalista como o *habitus* de classe não daria conta de explicar distinções individuais, já que cada pessoa tem uma trajetória muito particular na formação de seu próprio *habitus*, de modo que a influência estrutural é sempre insuficiente para descrever a pluralidade de experiências que estrutura cada um. Destaco que em alguns trechos do trabalho as características individuais foram ressaltadas a frente do posicionamento social. Como dito, o trabalho se

completaria com entrevistas mais profundas que pudessem alargar a dimensão das trajetórias individuais. No entanto, Lahire também defende a generalização classista como ferramenta metodológica, uma vez que um exercício de reconstrução de trajetórias individuais para tentar descrever o *habitus* individual é uma tarefa impossível em trabalhos com amostras maiores.

Minha conclusão coincide com aquela relatada por Perdigão (2015) no que tange à afirmação de que o sucesso acadêmico dos “batalhadores brasileiros” – classe oriunda da “ralé” que se apoia em políticas públicas para ascensão social – depende de um esforço muito maior desses em relação aos alunos sem bolsa. Mas passei a discordar do enquadramento dos bolsistas no conceito de “ralé”, como faz o autor, já que a principal característica desse grupo é a impossibilidade ou dificuldade (no caso dos batalhadores) de acumular capitais que possibilitem uma recolocação positiva no espaço social. Considerando os pesquisados egressos da Faculdade todos obtiveram alguma melhoria no padrão de vida, ao passo que os estudantes atuais não demonstraram incapacidade na rápida assimilação de capitais que os levaram de um começo de estranhamento até uma adaptação pedagógica e por vezes social. Então, para a pergunta do título minha resposta é não.

A abordagem de Elias é fundamental para entender como dinâmicas sociais de interdependência na figuração da Faculdade foram se modificando ao longo do tempo. A princípio os discentes eram um grupo mais homogêneo, que partilhava signos de configurações anteriores e até valências estáveis entre membros que se conheciam anteriormente. Esses se agrupavam inclusive em relações de interdependência ligadas à coesão produzida pela assimilação simbólica de signos que representam a configuração, como o mascote, a “Baterrica” e o “mito” da faculdade da *high society* mineira. Com a adoção dos programas governamentais e a entrada de indivíduos cujas figurações em que se inseriam de maneira direta não dividiam muitos signos em comum com os alunos anteriores, os balanços de poder entre os grupos se mostravam favoráveis ao grupo mais antigo. Nesse momento a sociodinâmica de estigmatização era possível para o grupo mais coeso, o que produz a existência de uma sociogênese do estigma, assimilada como psicogênese dos alunos da época. Vale ressaltar que os processos são indissociáveis segundo o

autor. Em análise histórica, como Elias propõe a prática sociológica, é fácil notar que a progressiva entrada de estudantes bolsistas fez com que o grupo deixasse de ser minoritário na figuração, o que subverteu os balanços de poder. Tal fato inclusive justifica a inversão da sociodinâmica de estigmatização, que passou a criar uma imagem negativa em relação aos alunos mais antigos, agora definidos por adjetivos pejorativos como “playboy”, “patricinha” e “filhinhos de papai”. Trata-se aqui de um exemplo clássico de fofoca depreciativa (*blame gossip*), que usa do artifício *pars pro toto* para estigmatizar o grupo não bolsista, tomando suas exceções como regra.

O uso de abordagens teóricas diferentes não se mostra antagônico, mas complementar.

Um ponto que diz muito sobre a perspectiva temporal das mudanças percebidas é o uso reiterado dos termos bolsista e não bolsista. Quando entrei em campo, ainda muito influenciado por impressões passadas, estava convencido de que iria analisar uma configuração que segregava indivíduos em grupos distintos, tal como a dinâmica narrada em “Os estabelecidos e os *outsiders*”. Tanto que em meus primeiros escritos (inclusive no projeto de seleção para o mestrado) costumava variar o termo que designava cada categoria para evitar a repetição excessiva, me referindo aos não bolsistas como “estabelecidos” ou alunos “tradicionais” da Faculdade, e aos bolsistas como “outsiders” ou “novatos”. Acabei por diminuir e eventualmente abolir o uso desses termos, ainda que isso tenha implicado usar ainda mais as categorias fundamentais -bolsistas e não bolsistas- até provavelmente irritar os olhos (ou ouvidos) do leitor. Ocorre que mudei minha percepção quanto ao efeito das categorias na formação de grupos de afinidade, de modo que os termos que enfatizam a distinção e conferem um caráter hierárquico quanto ao posicionamento social dos indivíduos não contempla minha visão da Faculdade atual. Isso não implica em negar a influência de fatores estruturais relativos as condições de cada grupo, mas evitar uma generalização *a priori*. Como se o corpo discente, antes acentuadamente segregado, estivesse em um processo de aumento na integração entre os grupos, embora talvez a tendência indique que as classes mais altas estão deixando de considerar a Faculdade como instituição que

garante distinção social, diminuindo a cada dia o número de alunos no grupo. Notei que atualmente muitos bolsistas se sentem “em casa” no *habitus* desse espaço social que costumava ser hostil para os mesmos, como diria Bourdieu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARINO, Daniela Ornellas; DELVAN, Josiane da Silva. As Trajetórias dos Acadêmicos Bolsistas do ProUni: desafios e estratégias de enfrentamento. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora , v. 12, n. 2, p. 87-96, jul. 2018.

BECKER, Howard. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.

BEZERRA, Teresa; GURGEL, Claudio. A política pública de cotas em Universidades enquanto instrumento de inclusão social. *Revista Pensamento & Realidade*. Ano XV – v. 27 n° 2. P 94-117, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BORDIEU, Pierre. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BORDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 30, nov. p. 3-6, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley Journal of Sociology*, n. 32, p. 1-49, 1987.

BRANDÃO, Carlos Fonseca. A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese. (Tese de Doutorado) Marília, SP. Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2000.

BRASIL. Decreto nº 5.493, de 18 de julho de 2005. Regulamenta o disposto na Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Presidência da República - Casa Civil. Brasília, DF. 18 jul. 2005.

BRASIL. Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. Presidência da República - Casa Civil. Brasília, DF. 13 jan. 2005.

BRASIL, Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Presidência da República - Casa Civil. Brasília, DF. 29 ago. 2012.

CARVALHO JÚNIOR, Frederico Guilherme. Universidade para todos: o PROUNI na visão dos bolsistas de uma instituição de ensino superior – Entre políticas de financiamento, concepções e experiências profissionais dos alunos concluintes. Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação. Mossoró: UERN. 2018.

CATANI, Afrânio; HEY, Ana Paula; GILIOLO, Renato. PROUNI: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior? Educar, Editora UFPR: Curitiba, n. 28, p. 125-140, 2006.

CONTINS, Márcia; SANT'ANA, Luís Carlos. O Movimento negro e a questão da ação afirmativa. Estudos Feministas. IFCS/UFRJ-PPCIS/UERJ, v. 4, n. 1, p. 209-220, 1996.

COSTA, Danielle. O PROUNI na educação superior brasileira: indicadores de acesso e permanência. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 1, p. 141-163, mar. 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, Los Angeles, vol. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

ELIAS, Norbert. A Sociedade de Corte. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Tradução: Pedro Sússekind. Prefácio de Roger Chartier. Tradução: André Telles. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2001.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. Introdução à Sociologia. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador 1, Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FONTELE, Tereza; CRISÓSTOMO, Vicente. PROUNI – pontos controversos sob a análise de alunos bolsistas. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 3, p. 739-765, nov. 2016.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOFFMAN, Erving. Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOFFMAN, Erving. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUARNIERI, Fernanda; SILVA, Lucy Melo. Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 21, Número 2, p. 183-193, Maio/Agosto de 2017.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A Desigualdade que anula a desigualdade: notas sobre ações afirmativas no Brasil. In: SOUZA, J. (org.). *Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil- Estados Unidos*. Brasília: Paralelo 15, p. 233-242. 1997.

HAAS, Celia Maria; PARDO, Rosangela da Silva. Programa Universidade para Todos (PROUNI): Efeitos financeiros em uma instituição de educação superior privada. *Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, Sorocaba, SP, v. 22, n. 3, p. 718-740, nov. 2017.

LAHIRE, Bernard. *A Cultura dos Indivíduos*. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed. 2006.

LAHIRE, Bernard. From the habitus to an individual heritage of dispositions. Towards a sociology at the level of the individual. *Poetics* v.31, p. 329-355. 2003.

LAHIRE, Bernard. *O Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes. 2002.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa para a população negra do Brasil: um ponto de vista a favor das cotas. *Sociedade e Cultura*, v. 4, n. 2, p. 31-43, jul./dez. 2001.

PERDIGÃO, Denis Alves. *O canto da sereia? A educação superior como uma (im)possibilidade de mudança na trajetória profissional da ralé brasileira*. Tese de doutorado apresentada ao Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração. Belo Horizonte: FACE/UFMG, 2015.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337 – 356, set./dez. 2015.

RODRIGUES, Leda Maria de Oliveira. Ensino Superior Privado: Entrada e permanência de bolsistas e não bolsistas. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 13, n. 02 p. 350 - 371 abr./jun. 2015.

SANTOS, Ângela Ribas. Estudantes bolsistas PROUNI e o curso de pedagogia da PUCRS: do acesso à permanência. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Porto Alegre: Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2016.

SCHNAPPER, Dominique. A compreensão sociológica. Como fazer análise tipológica. Lisboa: Gradiva, 2000.

SILVA FILHO, Raimundo Nonato. Trajetória de alunos do PROUNI no contexto da expansão e democratização do ensino superior no Brasil. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2010.

SOUZA, Jessé. A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

VALENTE, Ivan; HELENE, Otaviano. O Prouni e os muitos enganos. Folha de S. Paulo 11 dez. 2004, "Tendências/Debates". Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1112200410.htm.

WALTENBERG, Fábio; CARVALHO, Márcia. Cotas aumentam a diversidade dos estudantes sem comprometer o desempenho? Texto para Discussão No 73. Center for Studies on Inequality and Development. Março 2013.

WAINER, Jacques; MELGUIZO, Tatiana. Políticas de inclusão no ensino superior: avaliação do desempenho dos alunos baseado no Enade de 2012 a 2014. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, e162807, 2018.